

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES: UM TRABALHO EM REDE**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Ângela Denise Riske Müller

**Três Passos, RS, Brasil.
2015**

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UM TRABALHO EM REDE

Ângela Denise Riske Müller

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional.

Orientador (a): Profª Drª Mariglei Severo Maraschin

Três Passos, RS, BRASIL.

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Monografia de Especialização

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UM
TRABALHO EM REDE**

Elaborada por

Ângela Denise Riske Müller

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Mariglei Severo Maraschin
(Presidente/Orientadora)

Lucia Bernadete Fleig Koff, Ms (UFSM)

Janice Machado dos Santos Justen, Ms UFSM)

Myriam Cunha Krum, Ms (suplente, UFSM)

Três Passos, 28 de novembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por conduzir-me até este momento e capacitar-me para a realização desta monografia.

Ao meu esposo, pelo incentivo constante, companheirismo e compreensão pelas horas dedicadas.

Agradecimento especial a professora orientadora, Prof^a Dr^a. Mariglei Severo Maraschin, pelo acompanhamento sistemático e pelas sugestões de aperfeiçoamento.

A Secretaria Municipal de Educação e Juventude de Santa Rosa, RS, pelo acolhimento e autorização para realização da pesquisa na rede municipal.

Aos professores e gestores das escolas da rede que foram solícitos e responderam à pesquisa, compreendendo a importância de sua participação.

Aos professores do curso, tutores à distância e tutora presencial do polo de apoio pelas cobranças e constante motivação.

De uma ou outra forma todos contribuíram para que a conclusão deste propósito fosse possível.

O cão e a árvore também são inacabados,
mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa.
Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado.

O homem pergunta-se: Quem sou? De onde venho?

Onde posso estar? O homem pode refletir
sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento,
numa determinada realidade: é um ser na busca
constante de ser mais e, como pode fazer esta
autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado,
que está em constante busca. Eis a raiz da educação.

Paulo Freire

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UM TRABALHO EM REDE

AUTORA: Ângela Denise Riske Müller

ORIENTADORA: **Mariglei Severo Maraschin**

Data e Local de Defesa: Três Passos, 28 de novembro de 2015.

A pesquisa reflete acerca da gestão da formação continuada, tendo a perspectiva do trabalho em rede, e procura conhecer as concepções dos professores, dos gestores da Secretaria Municipal de Educação e Juventude e das escolas de Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Santa Rosa, RS, em relação aos processos de formação continuada implementados, e os mecanismos de formação autônoma dos sujeitos. Resulta da necessidade de refletir sobre a efetividade de programas de formação continuada e processos autônomos para qualificar o processo de ensino. Apresenta paralelo entre a concepção dos professores e gestores, pela realização de questionário com questões abertas, a legislação pertinente e pesquisa bibliográfica. Divide-se em cinco capítulos: a metodologia empregada na pesquisa, de cunho qualitativo, pelo estudo de caso e pela análise de conteúdo, envolvendo gestores educacionais, escolares e professores; as concepções relativas ao termo formação continuada, considerando os olhares dos gestores e professores, da legislação de ensino e referencial bibliográfico; a formação continuada em rede como possibilidade de qualificar processos e atender expectativas; limites e desafios que a formação continuada apresenta, tanto individualmente como no coletivo; e perfil do profissional que escolhe a docência diante dos desafios da contemporaneidade. Conclui-se ser necessário que o profissional da educação se comprometa com a formação continuada, autônoma ou em rede, como exigência inerente à profissão. Também aponta para a necessidade de escolas e redes de ensino oferecerem condições para a formação continuada, mas também para o professor que precisa ser proativo e buscar mecanismos para sua própria formação.

Palavras-chave: Formação Continuada. Desafios e limites. Trabalho em rede.

ABSTRACT

Specialization Monograph
Specialization in Educational Management
Federal University of Santa Maria

TEACHERS CONTINUING EDUCATION: A NETWORKING

AUTHOR: Müller, Ângela Denise Riske

ADVISOR: **Maraschin, Mariglei Severo**

Local and Date Defense: Três Passos, November 28th, 2015.

The research reflects on the continuing education management, having a networking perspective, and seeks knowing the teachers, the Municipal Department of Education and Youth managers, and the municipal education system of Santa Rosa, Rio Grande do Sul conceptions, in relation to the implemented continuing education processes, and the autonomous formation mechanisms of the subjects. It results from the need to reflect on the effectiveness of the continuing education programs and autonomous processes in order to qualify the teaching process. It presents a parallel between the conception of the teachers and the managers, through a questionnaire with open questions, the relevant legislation to the subject and bibliographic research. It is divided into five chapters: the methodology used in the research, of qualitative nature, by the case study and the content analysis, involving educational and school managers and teachers; the conceptions regarding the continuing education term, considering the managers and teachers views, the educational legislation and the bibliographic reference; the continuing education in network as a possibility to qualify those processes and meet the expectations; the limits and the challenges that the continuing education presents, both individually and collective; and the professional profile who chooses the teaching profession faced with the contemporary challenges. In conclusion, it is necessary that the professional education is engaged with the continuing education, autonomous or networking, as a requirement inherent to the profession. With the changes and technological advances other instruments can contribute to the pedagogical action and the teacher must take possession of them. It also points to the need of schools and school systems provide conditions to the continuing education, but also for teachers who need to be proactive and seek mechanisms for their own formation.

KEY-WORDS: Continuing Education. Challenges and limits. Networking.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Ofício de encaminhamento dos questionários às escolas.....	63
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	64
Apêndice 3 – Questionário para Secretaria Municipal de Educação e Juventude.....	66
Apêndice 4 – Questionário para Gestores das escolas.....	67
Apêndice 5 – Questionário para professores.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formação acadêmica, atuação no magistério e na gestão.....	27
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2 FORMAÇÃO CONTINUADA: UM OLHAR PARA A LEGISLAÇÃO, A TEORIA E AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	17
3 A FORMAÇÃO CONTINUADA: UM OLHAR PARA A REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTA ROSA – RS.....	33
4 LIMITES E DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	43
5 O PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES	63

INTRODUÇÃO

A formação continuada tem sido alvo de muitas discussões. Em primeiro lugar, pela compreensão que se tem de que esta é importante, senão imprescindível, para a atualização permanente do professor a fim de acompanhar as transformações pelas quais passa a sociedade, os sujeitos e a própria educação. Em segundo lugar, por entender-se que a identidade profissional do professor se constitui na prática e na reflexão sobre a prática.

A presente pesquisa apresenta como temática a Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede. **O problema da pesquisa é: quais as experiências, limites e desafios da proposta de formação continuada da Secretaria Municipal de Educação e Juventude do município de Santa Rosa na visão da Secretaria, da gestão das escolas e dos professores? Tem como objetivo geral dimensionar as contribuições da formação continuada dos professores para a própria formação e para a qualificação da educação ofertada pela rede.**

Tem por objetivos específicos:

- **Conhecer a proposta de formação continuada da Secretaria Municipal de Educação e Juventude.**
- **Compreender a concepção que professores têm em relação a formação continuada oferecida pela Secretaria de Educação, de caráter obrigatório, e as contribuições que acrescentam à trajetória profissional dos sujeitos.**
- **Identificar as expectativas que a Secretaria Municipal de Educação, através de sua Equipe Pedagógica, e a gestão das escolas, por meio das Equipes Diretivas, têm em relação a construção e implementação do processo de formação continuada.**
- **Contextualizar a ação dos professores na contemporaneidade.**

Os referenciais teóricos estão embasados, principalmente, nos escritos de **FREIRE (1987, 1996), IMBERNÓN (2009, 2011), GARCIA (1999) e VEIGA (2012).**

Em minha trajetória profissional, sempre defendi a importância da formação continuada como instrumento de aprimoramento pessoal e das instituições. Como professora de sala de aula procurei pesquisar novas estratégias de ensino que pudessem melhorar a aprendizagem dos alunos e, através da leitura e participação

em encontros me manter atualizada.

No desempenho da função de Coordenadora Pedagógica de uma escola da rede estadual (2009-2010), do PROEJA FIC¹ (2010-2012) e, atualmente, em uma escola da rede municipal de ensino, sempre procurei e procuro acompanhar a formação na qual os professores participam. Através das necessidades do cotidiano, procuro selecionar referenciais para estudo nas reuniões pedagógicas, oportunizando espaços de diálogo. Estes se constituem em momentos ricos de aprendizado e troca de saberes. Para isto, é fundamental ouvir o que os professores têm a dizer a partir do seu trabalho cotidiano.

Como integrante da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude de Santa Rosa, no período de 2009 a 2012, tive a oportunidade de conhecer e acompanhar a organização do processo de formação dos professores. Participei da implementação de 1/3 da carga horária das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental para estudo e planejamento, o que já estava garantido aos professores dos anos finais.

Em 2013 e 2014, como alfabetizadora da rede, participei do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), no qual foi possível aprimorar conhecimentos e, então, na condição de professora, participar da formação da rede municipal. Também representou uma oportunidade para conhecer diferentes concepções e posturas dos professores em relação a formação continuada.

Atualmente, além das funções de Vice-diretora (rede estadual) e Coordenadora Pedagógica (rede municipal), atuo como tutora presencial do Curso de Pedagogia – Ead, de uma universidade privada. Nesta função, constato e enfatizo sempre a necessidade de estimular, desde a formação inicial, o aprimoramento e a qualificação permanente como forma de crescimento pessoal e profissional. Assim, junto aos acadêmicos, procuro contribuir para formar a consciência de que, ao escolher a docência como profissão, assumimos também a responsabilidade inerente do estudo e formação permanentes.

O tema para a pesquisa foi escolhido pela compreensão acerca da importância da formação constante do professor como meio para acompanhar as transformações

¹ Programa de Educação de Jovens e Adultos de Formação Inicial e Continuada. O programa foi implementado em Santa Rosa, no período de 2010-2012, a partir de uma parceria estabelecida entre o Instituto Federal Farroupilha – Campus Santa Rosa, e a Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Juventude.

pelas quais passa a sociedade, os sujeitos e a educação. Também, por entender que a identidade profissional se constitui na prática e na reflexão sobre a prática.

Nas experiências de formação presentes em minha trajetória profissional, muitas vezes percebi certa relutância dos professores em compreender a importância de, além de discutir experiências e trocar informações, utilizar os estudos teóricos para melhor compreender as ações e, pela reflexão sobre a prática, mas à luz da teoria, fazer novas proposições. Muitos professores compreendem que a formação continuada precisa oferecer técnicas de ensino, sem, contudo, reconhecer que por trás das técnicas sempre há uma teoria. Segundo Nóvoa, “a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de saber como fazer” (2007, p.14).

Assim, no desenrolar da escrita monográfica, faz-se um exercício constante de reflexão que engloba as concepções trazidas pelos professores a partir do questionário, bem como dos teóricos que se debruçam sobre o tema, e a legislação educacional que organiza este processo de formação permanente nas redes e nas escolas. Em todo o desenrolar da escrita, teoria e concepções da prática se entrecruzam, enriquecendo-a.

O capítulo 1 aborda a metodologia empregada na pesquisa, sendo esta de cunho qualitativo, através da produção de dados obtidos pela realização de questionários com questões abertas. A pesquisa envolve gestores da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, das escolas e os professores. As questões referem-se às compreensões que tem os envolvidos acerca do que é formação continuada, os limites e os desafios, a formação autônoma e em rede, o perfil para o profissional da educação na contemporaneidade.

No capítulo 2, faz-se referência às concepções sobre a formação continuada de professores, lançando um olhar para a legislação, para a teoria e para as respostas apresentadas pelos professores e gestores.

O capítulo 3 apresenta um aprofundamento sobre o termo formação continuada, com enfoque para a rede municipal de Ensino de Santa Rosa, construindo possibilidades para um trabalho em rede, considerando a perspectiva do trabalho colaborativo como proposta de formação.

No capítulo 4 são apresentados os limites e desafios da formação continuada realizada em rede, seja no âmbito da Secretaria de Educação bem como da escola, e

de forma autônoma pelo professor. São apresentadas algumas perspectivas em relação a este processo e formas de potencializá-lo, atendendo a demanda existente pela qualificação permanente.

Por fim, no capítulo 5, abordam-se características necessárias ao profissional da educação que exerce a docência no mundo contemporâneo.

1 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para realização desta pesquisa foi de cunho qualitativo. Utilizou-se do estudo de caso para produção de dados acerca da formação acadêmica dos professores envolvidos, tanto daqueles que atuam em sala de aula como nos espaços da gestão escolar e da gestão educacional, a fim de contextualizar o ponto de partida de sua profissionalização como docente.

O estudo de caso, como afirma André (2013), prevê três importantes etapas: a fase exploratória onde o caso a ser estudado é delimitado e os procedimentos metodológicos são definidos, bem como a seleção dos participantes; a delimitação do foco do estudo, fazendo recortes no que é mais relevante a ser investigado; e a análise sistemática dos dados e elaboração do relatório, onde são selecionadas, a partir da leitura e releitura dos dados produzidos, as contribuições mais significativas e que venham a integrar a pesquisa, interagindo com o estudo teórico.

Assim, inicialmente foi definido a problemática a ser investigada e o público participante. Foram realizados questionários com questões abertas, com o propósito de colher informações acerca da compreensão dos professores sobre o processo de formação continuada oferecido pela Secretaria de Educação, pela gestão da escola e aquela que realiza de forma autônoma, constitui o instrumento metodológico utilizado para a produção dos dados.

O questionário, dirigido aos gestores da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, procurou compreender as expectativas em relação ao alcance e propósitos da formação continuada da rede.

Segundo Chizotti (2003, p.221)

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto zelosamente escrito, [...] os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Para fins de obtenção destes dados, a pesquisa buscou a participação de 2 (dois) professores de cada escola de Ensino Fundamental da rede, sendo 1 (um) dos anos iniciais e 1 (um) dos anos finais. Considerando que a rede possui 13 (treze) escolas de ensino fundamental, o total de professores participantes esperado foi de

26 (vinte e seis). A pesquisa também envolveu 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, responsável pela formação continuada da rede e 1 (um) gestor de cada escola, totalizando 13 (treze).

Porém, o retorno dado à pesquisa não atendeu às expectativas. Das 13 escolas de Ensino Fundamental da rede somente 5 retornaram os questionários. Este retorno resultou em: 13 professores e 4 gestores. O gestor, representando a Secretaria Municipal de Educação e Juventude, retornou a pesquisa. Para fins de sistematização dos dados, o gestor representando a Secretaria de Educação e Juventude foi denominado “Secretaria de Educação”; os gestores participantes foram denominados por números sendo “Gestor 1”, “Gestor 2”, “Gestor 3” e “Gestor 4”; e os professores participantes foram denominados “Professores” seguidos da numeração de 1 a 13.

Por fim, a realização da pesquisa bibliográfica, a partir de títulos e autores que já tenham produzido conhecimento em relação a temática abordada, obtendo, assim, embasamento teórico para sustentar ou refutar as compreensões dos diferentes sujeitos e diante da necessidade de um aporte teórico acerca do tema estudado. A pesquisa bibliográfica, segundo Silva-Sá, Almeida e Guindani (2009, p. 5) “[...] têm o documento como objeto de investigação”.

A análise ocorreu através da análise de conteúdo. Segundo Caregnato e Mutti (2006, p.682), a análise de conteúdo constitui-se como

[...] uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.

Assim, é possível compreender, a partir do conteúdo produzido no preenchimento dos questionários, as concepções acerca da formação continuada e as ideologias subjacentes.

2 FORMAÇÃO CONTINUADA: UM OLHAR PARA A LEGISLAÇÃO, A TEORIA E AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Refletir acerca dos processos de formação continuada no contexto atual da educação é fundamental. Esta reflexão requer um profundo conhecimento da legislação que, ao mesmo tempo que ampara sua realização no ambiente institucional e como parte da jornada de trabalho do professor, também, de certa forma, obriga redes e escolas a articularem esses processos como forma de qualificar e garantir a oferta de uma educação de melhor qualidade social. Ou seja, além de apresentar-se como um direito, também se constitui em um dever.

Tão importante quanto clarear o entendimento legal, é conhecer e refletir acerca do que já foi escrito, por teóricos da educação, sobre a importância, a efetividade e as possibilidades que a realização de processos de formação continuada sólidos e articulados com a realidade da instituição ou da rede de ensino possibilitam ao cotidiano do professor, ao coletivo de profissionais que nela atuam e para a projeção da rede no cenário educacional, refletida na ampliação dos índices de avaliação externa. Além do mais, e como interesse específico desta pesquisa, é fundamental saber o que pensam os professores e os gestores, quais concepções e expectativas trazem, e que muitas vezes não revelam, acerca da realização dos processos formativos na rede, na escola e na sua trajetória profissional.

Em relação à legislação, é fundamental englobar aquelas que no âmbito nacional, bem como aquelas do âmbito municipal, dispõem acerca da obrigatoriedade, tanto por parte dos gestores como dos professores na execução de programas de formação continuada. O foco da referida pesquisa é a rede municipal de ensino do município de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul.

O Brasil, através do Ministério da Educação, recentemente aprovou o Plano Nacional de Educação, que aponta para o cumprimento de metas para a próxima década e que envolvem, em regime de colaboração, União, Estados e Municípios. Especificamente em relação a formação continuada de professores, estabeleceu-se a meta 16, que diz:

formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os(as) profissionais da educação básica formação

continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

Portanto, cabe aos entes federados, de forma cooperativa ou individual, promover cursos de formação continuada nas diferentes áreas de atuação, contemplando as reais necessidades. Por isso, mesmo que a União organize programas de formação, é fundamental que estes possam adaptar-se a cada realidade, considerando as diferenças regionais do país.

Destaca-se a importância conferida a temática da formação de professores, citando, também, a Lei do Piso Salarial Profissional Nacional para os Profissionais do Magistério Público da Educação Básica, sancionada em 16 de julho de 2008. Em seu artigo 1º, inciso 4 diz que: “na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”. Isto implica que 1/3 da carga horária seja destinada para formação e planejamento da atividade pedagógica. Essa sempre representou uma das lutas do coletivo de professores, no sentido de garantir tempo e espaço dentro da jornada de trabalho para estudo, planejamento e atividades afins. Isto acaba refletindo também na qualidade de vida do professor fora do ambiente de trabalho, com menos tarefas, inerentes à profissão, para serem realizadas em casa, no tempo que deve ser destinado ao convívio familiar, lazer, descanso.

É de conhecimento que muitas redes de ensino ainda não cumprem com todos os dispositivos da referida lei. O município de Santa Rosa, no entanto, conseguiu, recentemente, organizar as escolas de forma a que todos os professores do Ensino Fundamental tivessem garantido o tempo de formação, estudo e planejamento, tanto na escola como a nível de rede de ensino.

A nível municipal, portanto, cita-se a Lei Complementar nº 72, de 3 de janeiro de 2012, que estabelece o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Santa Rosa e que, em seu artigo 37, afirma que: “Aperfeiçoamento é o conjunto de procedimentos que visam proporcionar a atualização, capacitação e valorização dos profissionais da educação, para melhoria da qualidade de ensino”. E segue no inciso 1º:

o aperfeiçoamento de que trata este artigo, será desenvolvido e oportunizado ao profissional da educação através de cursos, seminários, simpósios, palestras, semana de estudos e similares, conforme programas estabelecidos pela administração municipal, por outros órgãos ou entidade.

E, para concluir, no inciso 2º: “o município proporcionará, obrigatoriamente, cursos de formação continuada”.

A legislação garante, portanto, que sejam criados espaços de formação, individual e coletiva, obrigando o município, gestor da educação, bem como às escolas, a organizar e concretizar este processo. Assim, segundo Vasconcellos,

cabe às instituições criarem as condições que favoreçam esta formação permanente do educador, em termos de acesso a materiais, cursos, reciclagens, acompanhamento, tempo de pesquisa, etc. Entendemos, no entanto, que é fundamental nesta formação o espaço de trabalho coletivo constante na escola, concretamente, as reuniões pedagógicas semanais (2007, p.181).

Considerando-se, pois, os preceitos legais, a formação continuada em serviço do profissional da educação deve ser garantida e implementada pelos respectivos órgãos competentes, constituindo-se, ao mesmo tempo, como um direito e como um dever. Cabe, portanto, à União, ao Estado e/ou aos Municípios, organizar propostas de formação que direcionem e fortaleçam o trabalho em rede, estabelecendo aspectos comuns. Mas também à cada escola que deve organizar os projetos internos de formação considerando a realidade socioeconômica e cultural em que a escola se insere, bem como ao professor, que deve envolver-se nas propostas apresentadas pela rede e pela escola.

Na rede municipal de ensino do município de Santa Rosa, a formação continuada vem sendo pautada e organizada pela reunião sistemática dos professores que atuam em uma mesma área do conhecimento ou nível de ensino, bem como em encontros esporádicos que reúnem todos os professores em um mesmo espaço para palestras ou similares. A gestão da secretaria, ao responder o questionário, afirma que “há muitos anos a formação continuada está consolidada na Rede Municipal de Santa Rosa e a grande maioria dos professores participa da formação e são receptivos aos encontros”. Ou seja, mesmo nas alternâncias de poder, esta organização da formação continuou a ser desenvolvida, embora mudasse o foco, conforme proposta e ideologia de cada governo. Assim, há encontros separados, por exemplo, para Matemática, Ciências Humanas, Artes...etc.

Há, também, espaço e tempo institucionalizado na escola para o estudo e planejamento coletivo. Este espaço possibilita delinear processos e estratégias metodológicas que serão utilizados para garantir ou aprimorar a qualidade da

educação oferecida, concretizada em reuniões pedagógicas semanais. Garante, também, 1/3 de hora atividade para o aperfeiçoamento autônomo do professor e planejamento das intervenções com os educandos, com a colaboração das coordenações pedagógicas.

Salienta-se, também, que o município tem aderido e desenvolvido programas de formação ofertados pelo Ministério da Educação como Pró-letramento², Gestar³ e, mais recentemente, ao PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)⁴.

Sendo assim, vários são os sujeitos envolvidos neste processo e que colaboram, ou não, para que os objetivos propostos pela formação sejam alcançados: gestão da rede, gestão da escola e professores. Assim, é imprescindível pensar em uma formação que proponha, conforme Nóvoa, a

[...] articulação da formação inicial, indução e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida; atenção aos primeiros anos de exercício profissional e à inserção dos jovens professores nas escolas; valorização do professor reflexivo e de uma formação de professores baseada na investigação[...] (2009, p.14).

A formação continuada precisa ser compreendida por todos como um processo constante e que não tem fim, pois sempre novas problemáticas e novos desafios surgirão que exijam que os professores, independente da função que ocupem na escola, se debrucem sobre a teoria para melhor compreensão e definição de novas estratégias.

O modo como é compreendida e realizada a formação continuada está muito relacionado as trajetórias acadêmica e pessoal dos professores. Se no decorrer da formação acadêmica houve incentivo à reflexão sobre a docência e as questões a ela pertinentes, o professor tomará como responsabilidade inerente a profissão formar-se continuamente. Assim, o professor vai construindo a sua identidade profissional e passa a compreender que “não só se faz um profissional reflexivo a partir de teorias

²O Pró-Letramento – Mobilização pela Qualidade da Educação – é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e da matemática nos anos/séries finais do Ensino Fundamental (Fonte: Ministério da Educação)

³ O Programa Gestão da Aprendizagem Escolar oferece formação continuada em Língua Portuguesa e Matemática aos professores dos anos finais do Ensino Fundamental em exercício nas escolas públicas (Fonte: Ministério da Educação).

⁴ O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa oferece formação continuada aos professores que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental (ciclo da alfabetização) como compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental (Fonte: Ministério da Educação).

assimiladas, mas a partir de uma reflexão sobre a prática e por meio de sua participação em pesquisas assimilando seus resultados” (LIMA, 2006, p.18).

No exercício da docência, há duas formas de formação: aquela que é compartilhada com seus pares, espaço este que pode servir para troca de experiências e de conhecimento, bem como de fortalecimento do grupo e do indivíduo; e aquela realizada de forma autônoma pelo professor, em outros espaços de formação (seminários, cursos, especializações, mestrado...) ou mesmo pela leitura de livros e autores que muito tem a contribuir, através da teoria, para a reflexão sobre a prática e o encaminhamento de novas estratégias de ensino. É preciso considerar que “[...]as nossas propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho” (NÓVOA, 2009, p.19).

Compreende-se que, em educação, refletir constantemente e reelaborar propósitos, metas, metodologias, é fundamental, já que estamos imersos em um mundo em constante movimento. É preciso assumir, como afirma Freire, que

na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (1996, p.43-44).

Os processos de formação continuada precisam ser definidos conforme o contexto em que a rede de ensino ou escola estão inseridos. É fundamental, assim, que constantemente se diagnostique a realidade para que a formação corresponda à expectativa dos professores, oportunizando reflexão acerca de problemas reais e que possa apontar para soluções também reais, visto que a maior queixa em relação à formação recai sobre o distanciamento desta do contexto real.

Sendo assim, conforme Lima,

toda a formação dos docentes não será feita por meio de uma fórmula mágica, mas, durante o próprio processo de capacitação dos docentes, quer inicial ou continuada. É importante que os professores tenham oportunidades de refletir criticamente, apoiando-se em suas experiências vivenciais acumuladas por todo um caminho percorrido em sua trajetória acadêmica e profissional (2006, p.30).

Ouvir os professores, considerando seu olhar, suas compreensões e expectativas, é fundamental para que qualquer proposta de formação se faça eficiente e eficaz. No entanto, os gestores, tanto da rede de ensino como das escolas, também precisam lançar seu próprio olhar, sem o qual corre-se o risco de permanecer no imediatismo, ou seja, na resolução de situações e problemas do agora sem, contudo, contextualizar, considerando as demandas locais e globais. Isso porque, muitas vezes, os professores tendem a enxergar mais aquilo que os aflige naquele momento específico, tendo dificuldades em vislumbrar mais além e reconhecer a necessidade de projetos a curto, médio e longo prazo, inclusive de formação. Este é, portanto, o papel da gestão da escola e da gestão educacional.

Assim, a primeira questão lançada nesta pesquisa, foi justamente no sentido de compreender o que pensam gestores e professores sobre o que é formação continuada. As escritas para esta questão apontam para algumas compreensões fundamentadas, consistentes e reflexivas, bem como outras para compreensões mais simplistas, no sentido de responsabilizar outrem por este processo ou de constituí-lo tão somente como espaço para aprendizagem de técnicas ou atividades. Para a análise das falas dos professores, optou-se por identificá-los por números.

O professor “1”, ao afirmar que formação continuada “*é estar em constante aprimoramento de conhecimentos e também de aprendizagem [...]*”, aborda a compreensão de que esta constitui-se na aprendizagem constante, ou seja, ressalta a importância de compreender que o professor é sujeito aprendente, configurando-se este como fator central de qualquer processo de formação, ou seja, não há uma formação inacabada.

Na compreensão de Veiga “[...] *formação* assume uma posição de inacabamento, vinculada à história de vida dos sujeitos em permanente processo de construção humana, proporcionando sua preparação profissional” (2012, p.26, grifo do autor), ou seja, não separamos o profissional que nos tornamos do sujeito que somos em outros espaços. Tão importante quanto aquilo que somos ou que podemos nos tornar a partir de possibilidades de transformações, é aquilo que já fomos, a bagagem que trazemos conosco de outras experiências. Assim, em muitas situações, poderá o profissional ter que aprender que ele deve aprender constantemente e que aquilo que recebeu como formação inicial deve constituir-se tão somente como o início, abrindo caminho para novas e permanentes aprendizagens.

O profissional que somos ou que venhamos a nos tornar, estará inevitavelmente marcado pelas escolhas feitas, pelos cursos frequentados, pelas instituições nas quais a docência foi/é exercida. Para Veiga,

a identidade docente é uma construção que permeia a vida profissional desde o momento de escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde se desenvolve a profissão, o que lhe confere uma dimensão no tempo e no espaço. É construída sobre os saberes profissionais e sobre atribuições de ordem ética e deontológica (2012, p.18).

Nesse sentido, pensar a docência sob o aspecto da profissionalização, requer aliar os conhecimentos adquiridos na formação inicial com as experiências adquiridas no decorrer do exercício da profissão e com a formação continuada.

A ideia da formação continuada realizada com o intuito de aperfeiçoar, ou seja, melhorar aquilo que já se sabe, que já foi dado na formação inicial revela-se quando o professor “2” afirma que *“formação continuada para mim é um permanente aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade de um professor, realizado após a formação inicial, assegurando-lhe um ensino de melhor qualidade aos alunos”* e vincula este processo à qualidade da educação que por ele será ministrada. Quando nos referimos ao termo *qualidade na educação* é preciso lembrar que outros inúmeros fatores interferem e devem ser analisados, mas é certo que a formação do professor é elemento essencial, já que toda intervenção pedagógica depende de sua ação.

Sendo assim, como relata o professor “3”

a formação continuada deve ser um pré-requisito básico para a transformação do professor. Ela precisa partir das necessidades reais do seu cotidiano, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções que é possível a mudança.

Quando o professor cita que *a formação continuada deve ser um pré-requisito para a transformação do professor*, revela um aspecto fundamental deste processo: é preciso conhecer, ampliar nossos horizontes, refletir sob diferentes pontos de vista e diferentes perspectivas para começar a pensar e agir em busca de transformações na prática pedagógica cotidiana que levem a concretizar um trabalho reflexivo. Assim, Imbernón afirma que é essencial

[...] formar o professor na mudança e para a mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada (2011, p.15).

Essa autonomia compartilhada de que fala o autor se manifesta na formação em rede e pela efetiva participação de cada professor, não apenas no sentido de fazer-se presente, mas na capacidade de ouvir, refletir e argumentar, construindo e reconstruindo conhecimentos e partilhando saberes.

Neste sentido, entende-se que a formação continuada “*serve para [...] adquirir novas práticas para sala de aula, novas maneiras de aplicar o conteúdo e novos exercícios que possa o aluno colocar investigações sobre o assunto*” (professor 6). Ou seja, já não basta ao professor dominar os conhecimentos específicos de sua área de atuação, embora eles continuem tendo extrema relevância. Mas, para além disso, precisa compreender a importância de desenvolver outras competências e habilidades junto a seus alunos, considerando a complexidade do mundo contemporâneo. Da mesma forma, outras habilidades e competências precisam ser desenvolvidas junto ao professor, de forma coletiva ou individual, na formação em rede ou de forma autônoma. Assim, Imbernón destaca que

[...] a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza. Enfatiza-se mais a aprendizagem das pessoas e as maneiras de torná-la possível que o ensino e o fato de alguém (supondo-se a ignorância do outro) esclarecer e servir de formador ou formadora (2011, p.15).

É importante que o professor compreenda que sua profissão se constitui em uma caminhada contínua, onde os conhecimentos adquiridos, bem como as técnicas empreendidas jamais são descartadas, mas podem e devem ser ressignificados, inovados, visto a própria mutabilidade e evolução nas diferentes áreas do saber. Veiga afirma isto ao dizer que este profissional

[...] explora novas alternativas teórico-metodológicas em busca de outras possibilidades de escolha; procura a renovação da sensibilidade ao alicerçar-se na dimensão estética, no novo, no criativo, na inventividade [...] (2012, p.14).

Há, no entanto, presente nas respostas dos professores, posicionamentos mais alicerçados na ideia de que o outro, alguém, deve pensar esta formação e a ele cabe, tão somente, a participação ou, de forma mais precisa, a mera presença. Isso fica claro quando o professor “7” diz que formação continuada “*é a formação pensada pela*

*SMEJ*⁵ para suprir as necessidades dos profissionais de educação nas diversas áreas”. Um outro professor (11) afirma que “são encontros semanais, mensais onde todos os professores/direção encontram-se para se aprofundar em determinado tema/projeto ou assunto”. É certo que esta constituiu-se em um dos propósitos da rede quando organiza os processos de formação continuada: suprir necessidades dos professores e promover o debate e aprofundamento em determinados temas. Porém, é importante que nem a escola, nem os professores de modo individual, baseiem a formação somente nesta perspectiva, pois não é possível a um grupo (Secretaria de Educação) contemplar todas as necessidades e expectativas de todos os professores de uma rede de ensino.

Há um aspecto importante a destacar e que precisa ser muito bem compreendido pelos professores. A formação precisa sempre estar voltada para a atualidade. Por mais que se tenha uma bagagem de conhecimentos, imprescindíveis, será sempre necessário buscar a inovação, não no sentido de transformar tudo e de forma radical, abrindo mão de tudo o que já se sabe, mas sim no sentido de olhar para o novo e, principalmente, abrir-se ao novo. Portanto, a formação precisa constituir-se em

[...] um processo de aprendizagem contínua, o qual deve ser realizado ao longo de sua vida profissional, a fim de buscar realização profissional e pessoal. Diante dos avanços tecnológicos e da globalização que torna as aulas tradicionais obsoletas, desinteressantes o professor que não atualizar-se e buscar novas formas de atuar em sala de aula, não conseguirá alcançar o objetivo principal de sua prática que é uma educação de qualidade e humanizadora (professor 12).

O mundo globalizado, tecnológico, torna-se cada vez mais complexo. Todos os dias assiste-se a novas descobertas, novas invenções, aprimoramento constante das tecnologias, os quais nem sempre consegue-se acompanhar. Assim, além de dar conta dos conhecimentos da área de atuação, é preciso lançar um olhar para o global, percebendo as mudanças e a necessidade de, ao menos, conhecer as novas possibilidades que surgem. De fato, um professor que encontra dificuldades em acompanhar, basicamente, a sociedade da informação e da comunicação, estará perdendo a oportunidade de aproximar-se mais de seus alunos, nativos tecnológicos,

⁵ Secretaria Municipal de Educação e Juventude

e aproveitar aquilo de bom que essas novas configurações têm a nos oferecer enquanto instrumento de trabalho. Assim,

a formação continuada é um constante renovar-se, para acompanhar as transformações diversas da educação; é apoderar-se dos recursos tecnológicos oferecidos os quais nossos alunos estão em contato diário em casa e na escola. E acima de tudo ficar sabendo dos avanços na educação” (professor 13).

Esta última colocação “*ficar sabendo dos avanços na educação*” precisa ser considerada, pois muitas vezes existe dificuldade em identificar teorias e autores que podem contribuir na reflexão das práticas e mesmo na ação pedagógica. Portanto, ao grupo que pensa, organiza e implementa os processos de formação continuada, é fundamental que apresentem ao grupo de professores as tendências atuais em educação. Assim, é possível estabelecer um contraponto às tendências mais tradicionais e buscando, pelo aprofundamento de ambas, uma mescla de conhecimentos, desde que essa ação possa contribuir com a efetivação do trabalho no ambiente escolar.

Tão importante quanto saber o que pensam os professores, é dar voz aos gestores⁶, como estes compreendem os processos de formação continuada, já que no desempenho da função é tarefa deste, seja na posição de diretor, coordenador pedagógico ou orientador educacional, contribuir para a articulação dos mesmos.

A fim de apreender melhor a experiência por trás das colocações dos gestores, situam-se os mesmos em relação a: formação acadêmica, tempo de atuação no magistério, função desempenhada na gestão da escola e tempo de atuação na gestão da escola. Veiga, portanto, afirma que formar-se “significa – como processo – uma articulação entre formação pessoal e profissional. É uma forma de encontro e confronto de experiências vivenciadas” (2012, p.16). Assim, as informações produzidas mostram trajetórias de vida e de formação que, articuladas, constituem o profissional.

Importante salientar que, das treze escolas convidadas a participar da pesquisa, somente quatro gestores retornaram o questionário, sendo:

⁶ Convém ressaltar que estes professores atuam como gestores, compreendendo aqui aqueles que integram, no momento a Equipe Diretiva da Escola. Porém, como princípio da gestão democrática do ensino, compreende-se que, na escola, todos são gestores desempenhando diferentes funções.

GESTOR	FORMAÇÃO ACADÊMICA, TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO E TEMPO DE ATUAÇÃO NA GESTÃO DA ESCOLA
Gestor 1	Formado em Licenciatura Plena em Matemática, atua na educação há 29 anos; atualmente desempenha a função de Diretor e está na gestão da escola há dezoito anos e sete meses
Gestor 2	Formado em Licenciatura em Letras e Literaturas, atua na educação há 10 anos; atualmente desempenha a função de Coordenação Pedagógica e está na gestão da escola há quatro anos.
Gestor 3	Formado em Licenciatura em Pedagogia Administração Escolar, atua na educação há 25 anos; atualmente desempenha a função de Coordenação Pedagógica e está na gestão da escola há cinco anos.
Gestor 4	Formado em Licenciatura em Educação Física, não mencionou o tempo de atuação no magistério; atualmente desempenha a função de Vice-diretora e está na gestão da escola há dezoito anos.

Quadro 1: Formação acadêmica, atuação no magistério e na gestão

O que estas informações dizem sobre os gestores é que a metade deles (dois) tem uma vasta experiência na gestão da escola (em torno de dezoito anos) e a outra metade tem uma caminhada mais recente (em torno de cinco anos). Em relação a isto há duas observações a fazer: estar muito tempo em uma mesma função pode apresentar aspectos positivos ou nem tanto, pois os gestores muito experientes podem utilizar sua experiência para qualificar cada vez mais a gestão ou, quem sabe, acomodar-se e perpetuar as mesmas práticas. Como segunda observação há que se dizer que o pouco tempo de caminhada na gestão também pode ter duas facetas: ou se tem muita insegurança e se acaba copiando práticas já vivenciadas por outros gestores ou a nova caminhada desafia o novo gestor a ousar, propor novas práticas sem medo do fracasso. Essas são observações genéricas e não específicas dos gestores acima citados.

Os gestores da escola, portanto, são aqueles que inicialmente organizam e direcionam a formação continuada no âmbito da instituição. Para que essa organização se mostre atrativa e eficiente, é fundamental que o olhar se volte para a própria escola, para os professores e para o público atendido, bem como o contexto de inserção da mesma.

O gestor, antes de todos, precisa ser um profissional em constante formação, buscando conhecimentos em diferentes áreas: pedagógica, administrativa, financeira e legislação. É fundamental que acompanhe os avanços e as novas orientações que emanam dos entes federados em relação à educação. Também é primordial que estabeleça relação com a secretaria de educação, a fim de acompanhar a proposta de formação de rede e articulá-la no trabalho desenvolvido. É, portanto, um profissional que precisa desenvolver uma visão ampla, mas sem descuidar do local.

O gestor “1” afirma que formação continuada *“é aquela que proporciona ao professor uma maior articulação entre a teoria e a prática. Também é capaz de provocar mudanças na postura e no fazer pedagógico do professor”*.

Já para o gestor “2”

a formação continuada é uma forma de estimular uma perspectiva crítico-reflexiva fornecendo aos professores os meios para adquirir pensamento autônomo. Também consiste em uma oportunidade que possibilita o encontro sistemático entre os professores para fomentar o diálogo em torno das práticas pedagógicas. E isso tende a renovar e favorecer o entrelace de ideias entre os profissionais.

Destas duas ideias é possível destacar aspectos muito importantes em relação a formação continuada: é preciso articular teoria e prática; estimular a reflexão crítica; e oportunizar o diálogo ao proporcionar encontro sistemático entre os professores. Para o gestor “3” *“formação continuada é uma forma de repensar nossas práticas pedagógicas, aprimorar conhecimentos”*, ou seja, constitui-se em oportunidade para debruçar o pensamento sobre aquilo que é feito para aprimorar, para melhorar. E o gestor “4” enfatiza que *“são todas as reuniões, cursos, palestras que participamos de forma organizada para aprimorar nossos conhecimentos”*, novamente ressaltando a importância da formação em rede, a qual será aprofundada mais adiante.

Garcia conceitua o termo formação continuada de professores como uma ação realizada com adultos e que envolve a aquisição de saberes e aprendizagens de técnicas. Para o autor

[...] a formação pode ser entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou do saber-ser que se exerce em benefício do sistema socioeconómico, ou da cultura dominante. A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagens, de experiências dos sujeitos (1999, p.19).

A formação dos professores não deverá ser pensada somente na perspectiva da aprendizagem de conteúdos e técnicas de cada área específica do conhecimento, mas também os diferentes aspectos que influenciam na formação humana e os contextos globais e locais. Isso implica em “entender os alunos não só como sujeitos epistêmicos ou psicológicos, mas como sujeitos humanos, sociais, culturais” (VASCONCELLOS, 2007, p. 180). Assim, inclui-se a importância do estudo da formação humana global dos alunos, mas também dos professores. Ou seja, é preciso compreender que o professor não é só conhecimento.

Portanto, quando se aborda a formação continuada do professor pretende-se destacar aspectos referentes ao seu desenvolvimento profissional, bem como na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao seu fazer pedagógico. Mas, também, englobando a sua formação humana, pois estes (desenvolvimento profissional e pessoal) são aspectos indissociáveis.

Garcia (1999), apresenta três categorias para a formação dos professores, quais sejam: a autoformação, heteroformação e interformação. A autoformação é aquela que se faz de forma independente, autônoma, onde o sujeito estabelece seus próprios objetivos, escolhe e seleciona processos e estratégias de aprendizagem. A heteroformação é aquela que vem de fora, através de palestras com especialistas, nas quais o sujeito participa por interesse ou obrigatoriedade (quando proposta pela rede de ensino ou pela escola). E a interformação que refere-se a troca de saberes e experiências entre quem está iniciando na profissão e quem já tem uma caminhada, ou mesmo entre colegas de escola ou de área de atuação.

Estas três categorias podem ser consideradas fundamentais, em qualquer processo de formação continuada. Tão importante quanto a troca de experiências entre professores e a possibilidade de contato com pesquisas e escritos de autores já consagrados na educação, está a formação autônoma do professor. É muito importante que o profissional compreenda que a sua iniciativa e pró-atividade em estabelecer processos de formação pessoal, individualizada, pode fazer diferença na

qualidade do seu trabalho. Nada melhor que o próprio indivíduo para estabelecer suas necessidades de aprofundamento teórico e prático.

O termo formação, escolhido para designar os processos de aquisição de conhecimentos ou aperfeiçoamento, seja inicial ou continuada, pressupõe o envolvimento de sujeitos adultos, capazes de colaborar para o planejamento da mesma. Assim, destaca-se a importância desta participação do sujeito, alvo da formação, não como mero espectador, mas sim em um patamar colaborativo, seja na proposição de ideias ou na crítica construtiva para o redimensionamento da proposta e das temáticas de formação na qual é partícipe.

O professor 13, ao referir-se aos processos formativos que participa, de forma autônoma ou ofertada pela rede, afirma:

estou sempre em busca, quero aprender, participar deste processo continuamente. Participo das formações oferecidas pelo município e outros órgãos e entidades, quando ofertado. Também quando há possibilidades (quando fico sabendo) de formações EAD e presencial.

Ou seja, é esta consciência que se faz fundamental, saber que esta caminhada depende tanto do sujeito, como das instituições nas quais atua. É preciso iniciativa e acompanhamento das oportunidades ofertadas, bem como aproveitar as novas configurações de formação, fruto da tecnologia, como a educação à distância.

A formação continuada em rede, no coletivo, precisa ter o propósito de levar o sujeito a superar algumas práticas, levando-o a refletir sobre os aspectos nos quais mudanças se fazem necessárias, não somente no sentido das inovações técnicas, mas sobretudo no reposicionamento da ação social da escola frente aos desafios atuais. Ou seja, o professor deve e precisa estudar e renovar-se constantemente em sua área específica de formação acadêmica e de atuação profissional, mas também precisa considerar a dimensão humana de sua ação.

O professor 10 afirma que “a organização da formação parte da necessidade da escola. Buscamos formação dentro do espaço escolar e fora também”. Assim, o objetivo principal de uma formação em rede é a de criar uma teia de aprendizagens entre os sujeitos e as instituições. E, para que um processo desta natureza se efetive e seja eficiente, é fundamental que aqueles que o conduzirão tenham conhecimento do contexto e das necessidades inerentes. Assim, Garcia afirma

para que uma ação de formação ocorra, é preciso que se produzam mudanças através de uma intervenção na qual há participação consciente do

formando e uma vontade clara do formando e do formador de atingir os objetivos explícitos” (1999, p. 21).

Um propósito destes só é passível de realização quando há o envolvimento de integrantes da própria rede de ensino ou da escola na definição das temáticas a serem trabalhadas e dos profissionais interessados.

Outro aspecto muito importante é o princípio da continuidade, ou seja, mesmo que as temáticas ou conteúdos se diversifiquem, é preciso manter uma identidade pedagógica comum. Nesse sentido, a organização das redes de ensino que se dá nas alternâncias de poder e, conseqüentemente, de ideologias político-partidárias podem vir a prejudicar este processo, no sentido das constantes rupturas e novos começos. Isso dá ao professorado a impressão de que, de tempos em tempos, tudo o que se aprendeu deve ficar para trás e começar tudo novamente.

Qualquer processo de aprendizagem implica em motivação. Isso implica considerar que a motivação primeira para a aprendizagem constante é interna, ou seja, é preciso haver uma pré-disposição do sujeito em compreender e desejar uma participação efetiva em processos afirmativos. A máxima de que em tudo se aprende um pouco também precisa valer para a formação continuada. Tanto a gestão da rede de ensino como a gestão da escola irão oferecer estratégias e mecanismos para este fim. Porém, é o professor que vai definir o alcance desse processo em seu desenvolvimento profissional. Nas palavras de Garcia

[...] o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação. Quer dizer, é o indivíduo, a pessoa, o responsável último pela ativação e desenvolvimento de processos formativos (1999, p. 22).

Quando o professor é apresentado às possibilidades de mudança, pode não apresentar a ousadia necessária para sua implementação, visto que, muitas vezes, conforme destaca Vasconcellos,

[...] a tendência é a contínua reprodução daquilo que ele sempre viveu no ambiente escolar, seja nos bancos da escola elementar, seja nos da universidade; o futuro professor será induzido a um contínuo mimetismo, a uma eterna repetição, achando tudo muito natural, pois, afinal, *sempre foi assim* (2007, p.181, grifo do autor).

Essa sensação de conformidade e repetição de práticas por toda uma vida profissional, sem refletir e considerar que mudar é preciso, visto a mutabilidade da

sociedade, fica claro quando o professor 7, ao ser questionado sobre as contribuições que a formação continuada em rede lhe proporcionou afirma que “*nos anos que participei ficou muito aquém das minhas expectativas*”. Ou ainda, quando o professor 4 afirma que a contribuição foi “*muito superficial, nada específico e que acrescenta algo*”. Muitas vezes o professor esconde-se atrás de afirmações deste tipo, assumindo uma postura resistente e, portanto, abnegando qualquer benefício da formação ao seu fazer pedagógico. Como classe profissional, é preciso defender a ideia que qualquer formação é melhor que nenhuma e, mesmo que criticando, ela é fundamental.

3 A FORMAÇÃO CONTINUADA: UM OLHAR PARA A REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTA ROSA – RS

Tendo, pois, abordado as concepções sobre a conceituação do termo formação continuada, é fundamental a reflexão acerca da constituição de uma rede de formação que envolve, ao mesmo tempo, profissionais de diferentes escolas ou no âmbito de cada escola.

Ao responder ao questionário, a Secretaria Municipal de Educação e Juventude afirma que

no nosso entendimento, a formação continuada será significativa e ajudará a provocar mudanças na postura do professor quando conseguir formar um professor: a) competente na sua profissão, a partir dos recursos de que ele dispõe; b) dotado de uma fundamentação teórica consistente; c) consciente dos aspectos externos que influenciam a educação, visto que a educação não se resume à sala de aula ou à escola, mas está presente num contexto cujas características interferem no seu andamento. (Secretaria de Educação)

Revela-se, assim, a necessidade de que uma formação continuada em rede seja significativa. Ser significativa implica em atingir, de forma qualitativa, ao maior número de profissionais, o que certamente não se constitui em uma tarefa fácil, visto a multiplicidade de realidades e de interesses envolvidos. É quase impossível, portanto, que um processo de formação que envolva muitos profissionais seja aceito e considerado satisfatório por todos. E estes também são aspectos que precisam ser observados, já que na insatisfação podem ser percebidos aspectos para mudanças. Porém, é preciso que a insatisfação venha acompanhada de argumentos, visto que muitos podem se mostrar insatisfeitos pelo simples fato de considerar a participação como obrigação.

Desde a formação inicial, o professor vai desenvolvendo habilidades e competências que lhe acompanharão durante a atuação profissional, constituindo-se no período em que serão lançadas as bases que apoiarão todo o trabalho. O professor, portanto, vai criando, selecionando e ressignificando recursos, quer sejam práticos ou teóricos, para atingir seu maior objetivo: proporcionar aprendizagem de qualidade. Assim, um profissional competente se forma pelo compromisso assumido, desde a escolha da profissão e a partir das bases construídas, de formar-se continuamente e contribuir na formação de seus pares.

O trabalho em rede⁷, que reúne profissionais das diferentes escolas que a compõe, pode ampliar a visão de educação e de mundo, quando estabelece oportunidades de troca de saberes e de olhares e, sobre estes, se exerça uma crítica reflexiva no sentido de apontar caminhos que contribuam para a transformação. Desta forma, constrói-se no coletivo a compreensão de que é preciso ultrapassar os muros da escola para depois voltar a ela, considerando as influências que os contextos, micro e macro, exercem sobre o fazer pedagógico e sobre os resultados obtidos.

Para Imbernón, é fundamental

converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível. Se a mudança em educação é necessária, ainda que simplesmente pela necessidade de superar o tédio ou a frustração causados, entre outras coisas, pela transformação das tarefas educativas em algo rotineiro, em contrapartida, uma das fontes de maior satisfação e revitalização profissional do professor é a geração de processos de aprimoramento profissional coletivo, adotando inovações e dinâmicas de mudança nas instituições educativas (2011, p. 21-22).

É importante compreender que, nas palavras da Secretaria de Educação,

o processo de formação contínua deve ter como referência fundamental o saber docente, seu reconhecimento e sua valorização. Que saberes possuem os docentes? Que relações esses saberes têm com as chamadas ciências da educação?

Com frequência, aborda-se a importância dos saberes docentes. Mas, que saberes são estes? São apenas saberes oriundos da prática, ou são saberes que partem da prática, passam pela reflexão teórica e retornam para a prática de forma ressignificada? São saberes somente da profissão ou intercalam-se com os saberes oriundos da trajetória pessoal? Veiga afirma que “a formação identifica-se com a ideia de percurso, processo, trajetória de vida pessoal e profissional. Por isso, a formação não se conclui, ela é permanente” (2012, p.81).

Assim como é permanente a formação, também permanente deve ser a inquietude daqueles que atuam no campo da educação, principalmente quando estão à frente da gestão educacional e da gestão escolar. É preciso questionar: os professores têm claramente definido conceitos relacionados a educação? Têm clareza

⁷ Trabalho em rede é uma expressão criada pela pesquisadora que pressupõe a participação do conjunto de profissionais das diferentes escolas que a integram (rede de ensino) com o propósito de definir metas em comum a serem alcançadas, bem como de fortalecer a ação pedagógica desenvolvida e criar um clima de cumplicidade e corresponsabilidade nos resultados obtidos.

dos procedimentos, das metodologias, dos processos avaliativos que utilizam em seu fazer pedagógico? O seu fazer pedagógico tem sustentação teórica? Apresentam condições de defender, de forma fundamentada, o seu trabalho? Ou se está diante de uma categoria fragilizada, tanto em relação ao reconhecimento profissional pela sociedade como em relação ao desenvolvimento intelectual?

São questionamentos que devem levar a refletir, antes de pensar em resultados, do quão seguros estão os profissionais ao exercer sua ação no âmbito da escola. Essa inquietude não pode permanecer na mera suposição, e as respostas às perguntas anteriormente formuladas podem embasar a formação.

Portanto, quando há, nos programas de formação continuada em rede, espaço para questionamentos, críticas, reflexão e planejamento participativo, talvez essas questões podem vir à tona, apontando aos profissionais responsáveis possibilidades e necessidades de temáticas de formação. Assim, conforme Veiga, será possível estabelecer uma “relação entre formação continuada e pesquisa colaborativa – permeada pelas necessidades e situações reais e concretas [...]” (2012, p. 81). A ideia da colaboração pode constituir-se em um caminho para resultados mais satisfatórios para a formação.

Um processo de formação continuada em rede, que se queira eficiente, precisa considerar que *“é no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação”* (Secretaria de Educação). Sendo a escola o foco da formação continuada em rede, é fundamental que o conjunto de profissionais que a elaboram conheçam a realidade. Se não é possível estar continuamente presente, é fundamental criar espaços, em encontros de Equipe Diretiva e de professores, para que as angústias e desafios, bem como as conquistas, as experiências que deram certo (ou errado), sejam socializadas e refletidas.

É preciso considerar, sobretudo, que uma mesma instituição escolar é formada por diferentes perfis profissionais. Aqueles com muito tempo de atuação, já se encaminhando para a aposentadoria, e aqueles que acabam de iniciar a carreira. Professores que concluíram a graduação e nela permaneceram e aqueles que nunca param de estudar, mesmo que isso não represente aumento salarial. Professores propensos a novas metodologias e aqueles que preferem a segurança do que já conhecem.

Essa multiplicidade também se revela no conjunto da rede de ensino. Portanto, torna-se complexo construir uma proposta de formação em rede, já que a mesma precisa incluir o maior número de profissionais. Mesmo com caráter obrigatório, a formação continuada deve ser atrativa e conquistar o professor, para que o mesmo sinta a necessidade de participar, considerando que, conforme a Secretaria de Educação,

fica mais difícil o professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

O maior desafio está, certamente, em atingir o professor que reluta em envolver-se efetivamente na formação, que não consegue vislumbrar nela possibilidade alguma de contribuição. Já quando o mesmo tem a consciência formada, compreendendo seu dever e seu direito à formação, automaticamente ele envolve-se e tira o melhor proveito do que é ofertado, mesmo que nem sempre atenda suas expectativas. Veiga (2011) aborda justamente a ideia de que a docência exige que o profissional inicie um processo de formação, mas que este nunca tenha fim, envolvendo diferentes características e temáticas; é plural, no sentido de que é preciso ampliar os horizontes e aventurar-se também em outras áreas do conhecimento, não se restringindo apenas aquela da formação inicial.

É fundamental compreender que a educação, assim como a sociedade, se complexifica cada vez mais, em função de muitos e variados fatores relacionados ao econômico, ao cultural, ao familiar. A ideia da formação ampla do professor, aventurando-se em áreas que, inicialmente, lhe são estranhas, garante maiores subsídios para a resolução dos problemas cotidianos da sala de aula que vão muito além da aprendizagem de conteúdos. Neste sentido, Veiga afirma:

a construção e a aquisição de saberes docentes é um processo amplo e não linear, devendo ocorrer da forma mais coletiva possível, refletindo sobre situações práticas concretas. Portanto, a formação deve propiciar ao professor o fortalecimento do vínculo entre os saberes e a realidade social mais ampla, com a qual deve manter estreitas relações (2012, p.77-78)

A formação continuada no âmbito da escola também pode ser considerada como formação em rede, já que institui um espaço de encontro entre todos os profissionais, quer seja por área ou nível de atuação, ou no coletivo. Nas palavras de Imbernón

é tão importante desenvolver uma formação na instituição educativa, uma formação no interior da escola. Como a prática educativa é pessoal e contextual, precisa de uma formação que parta de suas situações problemáticas. Na formação não há problemas genéricos para todos nem, portanto, soluções para todos; há situações problemáticas em um determinado contexto prático. Assim, o currículo da formação deve consistir no estudo de situações práticas reais que sejam problemáticas (2011, p.17).

Nada melhor, portanto, que no interior da escola e no coletivo de profissionais que nela atuam, sejam selecionadas as necessidades de formação, bem como as estratégias e o aprofundamento teórico necessário para avançar no sentido de, se não resolver por completo, amenizar as angústias que cercam o trabalho pedagógico. Isso fortalece o trabalho enquanto equipe e a própria instituição perante a comunidade, concretizada na unicidade da ação pedagógica.

Ao avaliar a participação e o alcance da formação continuada na escola, o gestor “1” a considera “*extremamente produtivo, pois todos tem a oportunidade de interagir, buscando e propondo ideias que venham a acalentar a educação dos nossos alunos*”. Sendo esta visão posta em prática, já garante metade do sucesso deste processo, pois contando com a interação, a exposição de ideias, ela pode se tornar mais efetiva.

O gestor “2” afirma que “[...] *a real valorização do professor precisa ser alicerçada, primeiramente, em uma boa formação inicial, seguida de uma boa formação continuada*”. Nesta afirmação revela-se o quão importante é o papel da escola na formação do professor e o quanto o modo como ela se organiza interfere no perfil do profissional, visto que muitos apresentam mudanças pelo simples fato de trocar de instituição. O mesmo gestor afirma que

[...] é importante salientar que cada educador tem as suas próprias convicções e por isso a formação continuada é vista de maneira bastante individualizada. Ou seja, temas que são relevantes e/ou pertinentes para um educador pode não ser para outro. Nesse sentido, há toda uma questão de formação, interesses e disposições para o próprio crescimento profissional que cada educador dispõe.

No entanto, é preciso cuidar com o conformismo, sem institucionalizar pensamentos do tipo ‘o perfil profissional é este e isto não vai mudar’, visto que ao pensar assim, se corre o risco de não dispor de todos os mecanismos possíveis para envolver o conjunto de professores na formação. Certamente esta não é uma tarefa fácil, mas é uma questão que precisa ser seriamente considerada pelas equipes

gestoras, que podem exercer o poder de convencimento acerca da importância da efetiva participação de todos. Às vezes, o convencimento começa pela obrigação até constituir-se em necessidade profissional.

Assim como em sala de aula se considera os diferentes modos de aprender dos alunos, também há que se considerar que o professor tem modos diferentes de aprender e é preciso diferentes estratégias para atingir a todos. É fundamental que a ideia da educação inclusiva também perpassa a formação dos professores. Veiga afirma que formação “significa – como processo – uma articulação entre formação pessoal e profissional. É uma forma de encontro e confronto de experiências vivenciadas” (2012, p.16).

Sempre haverá, no grupo de professores, aqueles com pró atividade nata, ou seja, com os quais não é preciso preocupar-se, pois mesmo que nem sempre totalmente satisfeitos, participarão sempre que solicitados. É necessário, portanto, respeitar os diferentes modos de ser dos profissionais, mas também agir no sentido de colaborar com as mudanças, não de forma impositiva, mas buscando sempre o envolvimento voluntário dos mesmos.

Para o gestor “3”, a formação continuada no âmbito da escola “*tem sido muito boa. Ao planejar a formação consultamos o grupo para ver as necessidades, quais os desafios e angústias*”. Assim, Veiga (2012) revela um aspecto muito importante quando se planeja esta formação: ouvir os que estarão diretamente envolvidos, considerando que a formação vai partir da prática do professor e retornar novamente a ela, sendo o ponto de saída e o ponto de chegada. Quando existe a possibilidade de participação desde a base, no momento inicial de seleção das temáticas, aumentam-se as chances de que a formação seja mais significativa, que alcance maiores resultados, pois quando o professor se sente parte da ação como um todo, certamente sua postura será de maior compromisso.

É fundamental, portanto, desenvolver a consciência, coletiva e individual, de que o ser professor, enquanto profissão, constitui-se em uma caminhada contínua. Os conhecimentos construídos e as técnicas aprendidas não são descartadas, mas podem e devem ser recontextualizadas, inovadas, visto a mutabilidade do próprio conhecimento, das formas de aprender e das necessidades do mundo contemporâneo. Esta é uma ideia que deve permear o planejamento da formação.

O gestor “4” compreende que “*na medida do possível todos os professores participam, se envolvem e colocam em prática o que é discutido na formação e*

reuniões”, pois é de interesse de todos que a fundamentação teórica proporcionada, a troca de saberes e de experiências, bem como o conhecimento de novas possibilidades para o fazer pedagógico, não se restrinjam aos espaços de formação. É exatamente o contrário que se espera: que as sementes oriundas deste processo sejam plantadas e frutifiquem e contribuam para que a educação se efetive com a maior qualidade possível. Este, certamente, não é um interesse apenas da Secretaria de Educação ou das Equipes Gestoras, mas de cada professor realmente comprometido e profundamente consciente do seu papel, não só na escola, como em todos os espaços sociais.

Por isso, tão importante quanto conhecer as opiniões acerca da formação continuada em rede dos gestores e da Secretaria de Educação, é saber o que pensam os professores sobre este processo. Como ele vem contribuindo em sua trajetória profissional, sendo eles o público central a ser beneficiado e com o qual é preciso contar para sua efetivação?

O professor “12”, que atua nos anos finais do Ensino Fundamental, portanto, com uma área específica de atuação, cuja trajetória profissional compreende um período de treze anos, afirma, em relação a formação ofertada pela rede de ensino, que *“baseado nos conhecimentos que tenho sobre minha área de formação, considero insuficiente, porém para muitas colegas este pouco que está sendo oferecido já é o bastante”*. Embora o professor não cite a área em que atua, essa é uma afirmação que preocupa, pois quem organiza a formação em rede, precisa considerar os diferentes graus de desenvolvimento presentes no grupo. Ou seja, há aqueles com conhecimento mais aprofundado e aqueles com conhecimento mais elementar. É preciso usar isso a favor da formação, proporcionando inclusive espaços de tutoria, de fala e de escuta, onde possa existir a oportunidade da interformação, ou seja, um colaborando com o outro no processo de aprimorar-se, pois conforme Paulo Freire *“não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”* (1987, p. 78).

Nas respostas de alguns professores dos anos iniciais, se revela constantemente a importância da participação no PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, já mencionado no capítulo anterior. Este é um programa de livre adesão dos entes federados, Estados e Municípios, para com o Ministério da Educação e que, ao concentrar um grupo de professoras, dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, ou seja, do que hoje se considera o Ciclo da Alfabetização,

proporciona que toda a rede de ensino atue a partir de uma mesma perspectiva metodológica.

Ao trabalhar com determinadas concepções em relação aos conceitos de desenvolvimento, aprendizagem, aquisição da leitura e da escrita e das demais áreas do conhecimento (até o momento o foco concentrou-se na leitura e na escrita e na aprendizagem matemática), oferece ao grupo uma possibilidade de trabalho em uma mesma linha de pensamento, não no sentido da uniformização ou padronização, mas em uma referência para todas as escolas. Cabe novamente ao coletivo de professores, mas também de forma individual, a apropriação deste conhecimento, a seleção das possibilidades de aplicação prática e a ousadia em tentar o novo.

Isso fica claro quando o professor “11”, que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, portanto com Ensino Globalizado, cuja trajetória profissional compreende um período de vinte e quatro anos, afirma que

a formação continuada para nós professores dos 3 primeiros anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental é o Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, este vem ao encontro da nossa prática e o mesmo contribui para a aprendizagem dos alunos.

Esse entendimento também se manifesta quando o professor “13”, que também atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja trajetória profissional compreende um período de vinte e dois anos, diz que

a nossa rede municipal tem a alguns anos contribuído para que essas formações aconteçam em toda a rede e no ambiente escolar. Também está sendo proporcionado em parceria com o governo federal a participação no PNAIC através do Pacto na alfabetização idade certa e anteriormente no pró letramento.

Quando profissionais com tanto tempo de atuação, que já acumulam significativas experiências profissionais, revelam a importância que a formação continuada tem em seu cotidiano de sala de aula, tão mais claro fica a fundamental relevância que a mesma tem no cenário educacional. Junto com essas considerações vem implícita a ideia de que somos inconclusos, e mesmo com larga experiência profissional, temos sempre o que aprender.

Interessante que o professor “4”, que atua nos anos finais do Ensino Fundamental, por área de conhecimento, e com uma trajetória profissional de doze anos, afirma “que na realidade não devemos esperar nada, temos que buscar constantemente, independente de apoio ou não de alguém ou da instituição”. Ou seja,

abrange também a importância da formação autônoma, revelando um entendimento de que, mesmo que a formação continuada em rede alcance seus propósitos, ela não pode ser considerada suficiente para um profissional que deseja manter-se atualizado.

No entanto, é preciso esclarecer a ideia de autonomia na formação, não como um processo isolado e centrado apenas no indivíduo, mas que partindo *do* indivíduo reflete *no* coletivo. Neste sentido, Veiga afirma:

a autonomia é entendida como processo coletivo e solidário de busca e construção permanentes. Uma autonomia profissional madura implica uma reflexão crítica em que as práticas, os valores e as instituições sejam problematizados (2012, p.79).

Aprender é da natureza do ser humano. A formação continuada revela justamente este aspecto do sujeito: o de aprender continuamente. Freire ressalta isto ao afirmar que “a educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude” (2001, p.12). Este pensamento é que impulsiona a formação autônoma, a consciência de que somos inconclusos.

O espaço da formação continuada em rede precisa se organizar sob um enfoque colaborativo, desenvolvendo o sentimento de corresponsabilidade desde o planejamento até a avaliação dos resultados. Colaborar supõe cooperação mútua entre os pares, ensinando e aprendendo. Para o professor “8”, que atua nos anos finais do Ensino Fundamental e cuja trajetória profissional é de oito anos, a formação em rede “*auxilia quando trocamos experiências, quando relatamos nossas vivências e angústias do cotidiano*”.

Vincular os programas de formação em rede ao cotidiano dos professores e ao currículo, o que não é tarefa fácil, pode ser o aspecto fundamental e que fará diferença nos resultados. O professor “3”, que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja trajetória profissional é de trinta e quatro anos, afirma que a mesma

[...] trouxe muitos benefícios, [...] com atividades práticas que nos auxiliam no dia a dia, com os conteúdos a serem aplicados adequadamente em cada disciplina. Isso tornou a nossa rotina mais prática e contribuiu para o nosso crescimento profissional.

Para Imbernón

a formação do professor deve estar ligada a tarefas de desenvolvimento curricular, planejamento de programas [...] tratando de resolver situações problemáticas gerais ou específicas relacionadas ao ensino em seu contexto. (2011, p.18)

Tão importante quanto saber de onde se parte é saber para onde se vai. A formação na escola não deve constituir-se somente em espaço, mas também em perspectiva, pois, como afirma Imbernón,

quando se fala de formação centrada na escola, entende-se que a instituição educacional se transforma em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas. A formação centrada na escola é mais que uma simples mudança de lugar da formação (2011, p. 85).

Portanto, quando a Secretaria de Educação delega para a escola a tarefa de planejar seu próprio programa de formação, também espera que este se constitua e se efetive com qualidade. Para isso, é preciso definir uma proposta que atenda a estes propósitos.

Imbernón, (2011), propõe que a formação se desenvolva a partir de um paradigma colaborativo entre os professores. A partir deste paradigma a escola é o centro da ação, da mudança; ela transforma-se em espaço de produção intelectual; funda-se nos princípios da colaboração, da participação, do envolvimento, do pertencimento; *empodera* os professores e mostra que são capazes de gerenciar os processos formativos. Nas palavras do autor, uma formação pensada desta forma

aposta em novos valores. Em vez da independência, propor a interdependência; em vez do corporativismo profissional, a abertura profissional; em vez do isolamento, a comunicação; em vez da privacidade do ato educativo, propor que ele seja público; em vez do individualismo, a colaboração; em vez da dependência, a autonomia; em vez da direção externa, a autorregulação e a crítica colaborativa. (2011, p.86)

Assim, a própria escola tem a oportunidade de redefinir-se e a partir da crítica de si mesma transformar-se em agente de mudança. Para isso, é fundamental tempo e espaço para encontros que promovam o diálogo entre os sujeitos que, mesmo ao ocuparem funções distintas na escola, são iguais, visto que em um paradigma colaborativo não há espaço para a hierarquização no sentido do autoritarismo.

4 LIMITES E DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Formação continuada em rede e de forma autônoma pelo professor, constituem os pilares fundamentais para que a educação esteja constantemente sendo o objeto de reflexão e produção de propostas de intervenções que contribuam com a melhora na qualidade do ensino ofertado. É, portanto, desafiador organizar processos de formação que envolvam um contingente grande de profissionais, oriundos das mais diferentes realidades.

Um dos desafios da formação continuada é, sem dúvida, romper com a lógica individualista e de isolamento que perpassam algumas instituições e alguns grupos de professores. Desenvolver o caráter de coletividade da formação continuada, é premissa para que ela aconteça e traga bons resultados ao processo educativo. Para Imbernón “a formação personalista e isolada pode originar experiências de inovação, mas dificilmente levará a uma inovação da instituição e da prática coletiva dos profissionais” (2011, p.52).

Veiga (2012) afirma que os maiores desafios da educação na atualidade estão em romper com programas de formação extremamente teóricos e que desconsideram as experiências anteriores dos professores. Com a lógica político-partidária que, nas sucessões governamentais, desconsidera as práticas anteriores e insere novas propostas, dando a entender que sempre se está começando do zero. E, por fim, na crescente complexidade que a escola enfrenta ao lidar com problemas que surgem no ambiente escolar decorrentes, muitas vezes, da fragilidade das estruturas familiares. Segundo Veiga

[...] a escola não pode se limitar à função de ensinar. [...] A escola deve ser cada vez mais próxima à realidade. Muitos dos problemas enfrentados por ela relacionam-se com a crescente diversidade cultural e social dos alunos. No entanto, essa diversidade pode ser encarada não apenas como uma força, caso o currículo deixe de ser homogêneo e passe a dar espaço e voz à própria escola (2012, p.15).

A formação continuada dos professores tem o desafio de se constituir em um espaço/tempo para a aprendizagem de processos e metodologias que contribuam para que o professor consiga investigar a realidade de seus alunos para, então, utilizá-la como conteúdo para a aprendizagem.

A leitura da realidade é fundamental para que a escola cumpra com sua função social que, além de inserir as novas gerações na sociedade do conhecimento, deve

desenvolver nas crianças e nos jovens a cidadania e o compromisso de transformar as injustiças e as desigualdades, bem como precisa considerar os aspectos socioeconômicos, culturais e familiares dos alunos. Essa não é uma tarefa fácil, mas somente conhecendo os sujeitos com os quais estamos envolvidos é que podemos contribuir com sua emancipação.

Assim,

em se tratando de formação continuada, entendemos que o maior desafio está em satisfazer as reais necessidades encontradas por cada educador na singularidade da sala de aula. Considerando que cada aluno é único e que ao mesmo tempo faz parte de um todo, torna-se melindroso contemplar as necessidades individuais concomitantes ao conteúdo proposto, e nesse sentido, os educadores também se sentem inseguros e buscam nas formações um subsídio que possa ampará-los e direcioná-los (Gestor 2).

Pensar em formações que contribuam na seleção de estratégias de investigação da realidade, irá auxiliar para amenizar a angústia que muitos professores têm ao deparar-se com as situações problemas do seu cotidiano. Somente quando o professor conhece a realidade de seus alunos, é que começa a compreender muitos dos comportamentos apresentados por eles no ambiente da escola.

Convém ressaltar que

[...] um dos maiores desafios e limites que encontramos na formação continuada da rede é a articulação com as universidades no que se refere a profissionais que atendam a teorias e práticas de acordo com as necessidades dos professores em diversas áreas do conhecimento (Secretaria de Educação).

Esta dificuldade é decorrente da distância que a universidade tem da escola pública de Educação Básica, com pouco interesse pelos processos educativos desta etapa de escolaridade. Veiga ressalta que

[...] os professores não vêm muito valor nas pesquisas dos acadêmicos e os acadêmicos, por sua vez, também não vêm valor na pesquisa dos professores: consideram-na trivial, atórica e irrelevante para seus trabalhos. Não há escuta de uma parte ou outra (2012, p.136).

O desafio posto, assim, é de aproximação destas instituições, o que demanda esforço de ambas as partes. Outro aspecto a considerar nesta relação com a universidade é que as “pesquisas que se voltam para a escola básica utilizam-na, mas pouco ou nenhum retorno levam a ela: os resultados são transformados em teses ou dissertações [...] (VEIGA, 2012, p. 137). Não tendo, pois, retorno dos resultados das

pesquisas das quais participam, com muita relutância na maioria das vezes, os professores não reconhecem a importância de suas contribuições. Isto pode ser percebido, inclusive, no retorno dado à presente pesquisa, visto que das 13 escolas convidadas à participação, somente 5 retornaram os questionários respondidos⁸.

Há que se considerar, ainda, que para Veiga “poucos são os teóricos da educação brasileira – com honrosas exceções – que já puseram os pés dentro de uma sala de aula da escola elementar e lá ministraram aulas” (2012, p.137). Isto acaba por conferir menos credibilidade, na visão do professorado, às produções acadêmicas. Entende-se, portanto, a preocupação da Secretaria de Educação em firmar parcerias com as universidades que sejam benéficas para ambas.

É importante salientar, conforme a Secretaria de Educação, que “*as propostas de formação contínua devem considerar o ciclo de vida e a fase de desenvolvimento profissional dos professores*”. Ou seja, é um desafio e ao mesmo tempo um limitador da formação em rede saber o ponto de partida de cada profissional e até que ponto já chegou em sua aprendizagem, considerando a dificuldade de uma aproximação direta e de envolvimento com cada professor.

Assim, quanto mais a rede conseguir se aproximar do chão de cada instituição que a integra, tão mais pertinentes podem ser os processos formativos, pois, como afirma a Secretaria de Educação “*é no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação*”. Novamente, este se constitui como um limite e um desafio, visto a diversidade de realidades e situações e a dificuldade do acompanhamento permanente de cada escola.

A legislação em educação, principalmente no que se refere aos processos inclusivos, aborda constantemente a questão da diversidade nos modos de aprender. Assim, “*creio que o maior desafio seja o de que a formação proporcione condições em fomentar o processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos*” (Gestor 1). É preciso, portanto, que a formação continuada contribua para a superação de algumas concepções que ainda consideram o processo de aprendizagem como único para todos. O desafio, desta maneira, é compreender que os sujeitos são únicos e têm

⁸ Importante registrar que em ofício enviado às escolas, juntamente com os questionários e termos de consentimento, informou-se que após a conclusão da escrita monográfica, uma cópia ficará disponível na Secretaria Municipal de Educação e Juventude para livre consulta.

trajetórias de aprendizagem também únicas. E isto vale para o aluno bem como para o professor.

A resistência à mudança ainda está muito presente na educação. É extremamente difícil para alguns professores compreender que é preciso abandonar algumas velhas práticas e inserir inovações. Neste sentido, o Gestor 3 afirma que “[...] *é um desafio estimular os professores sobre a necessidade de repensar sua prática diária e conseqüentemente mudá-la de acordo com a necessidade de cada educando através de planejamentos diferenciados*”. Entende-se como planejamento diferenciado aquele que está aberto à novas estratégias e mecanismos de aprendizagem, bem o que é pensado mediante as necessidades de cada sujeito.

A escola, e mesmo a Secretaria de Educação, também tem um limitador em relação aos recursos financeiros destinados para os programas de formação continuada. O Gestor 3 afirma, nesta perspectiva, que “*como escola também temos limitações financeiras para conseguir trazer palestras e ou cursos específicos para as diferentes áreas*”. Vale ressaltar que na rede municipal de ensino as escolas não contam com repasses de autonomia financeira e, assim, poucas são as possibilidades de contratação direta de profissionais para atender a demanda de formação da escola. Esta dificuldade também pode ser sentida pela Secretaria de Educação, principalmente se considerarmos o alto custo para trazer educadores de renome nacional, por exemplo, para ministrar cursos ou palestras para os professores.

É fundamental considerar que palestras nem sempre surtem efeito na prática pedagógica das instituições. Isto nos leva a pensar sobre a efetividade em planejar programas que visem a contratação de profissionais por breve período de tempo, sem relação direta com a realidade local. São, certamente, importantes no sentido de conhecer e estimular a necessidade de aprofundamento teórico, bem como o conhecimento das novas tendências educacionais. Mas não são suficientes para apresentar mudanças ou resultados visíveis. É possível afirmar que no corpo docente das próprias instituições educativas há profissionais qualificados e capazes de articular e conduzir um processo de formação continuada que, partindo do interior da própria escola, possa responder aos anseios da coletividade. Fica claro, portanto, que não existem receitas mágicas, mas que é preciso apostar na capacidade formativa dos profissionais que atuam na rede.

Por que então, ao invés de contratar profissionais de alto custo, se fizesse uma aposta na capacidade formativa dos professores da rede? Programas do Governo

Federal, já citados nesta pesquisa, como o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) apostam justamente nesta premissa. Selecionam professores entre os integrantes da rede para participarem de formações específicas do programa para tornarem-se multiplicadores entre os demais professores. É uma experiência que tem dado certo, visto que apresenta melhores condições de fazer a ponte entre a teoria e a realidade da rede de ensino, pois envolve um formador que conhece as instituições e os professores.

O Gestor 4 afirma que “*o limite é a distância da teoria lida e conversada com a realidade na sala de aula. O discurso é sempre pertinente e a prática nem sempre o acompanha*”. Os cursos de formação inicial nem sempre ensinam os futuros professores a fazer a reflexão da prática com o apoio da teoria, algo que precisa ser aprendido. Se neste momento o professor não aprendeu a fazer esta relação, será preciso oferecer-lhe este aprendizado nos programas de formação continuada, a fim de perceber que o que se produziu em termos de teoria educacional não está distante da prática, mas ela precisa ser *esmiuçada* na prática.

Com o decorrer da trajetória profissional, os professores podem apresentar certa apatia e mesmo conformismo em algumas situações do cotidiano. Problemas que se repetem constantemente, parecem não ter mais solução. Assim,

o desafio é manter sempre acesa a luz da esperança de que sempre vale a pena investir nos alunos. Então os assuntos para a formação na escola são debatidos e selecionados conforme as necessidades de conhecimento pelos professores (Gestor 4).

A chave para o sucesso da formação continuada é este: dar voz aos que dela participam. Considerar o que pensam os professores também é um desafio, pois é preciso articular estas ideias com a proposta que emana do poder público para formação continuada em determinado período. No entanto, assim como não é aconselhável ignorar as ideias dos grupos de professores, alvo da formação, também não se deve permanecer apenas no que os mesmos querem ou pensam, pois se corre o risco de pouco avançar em termos de qualidade ou incorporação de novas tendências.

Veiga afirma que “[...] o aprimoramento do processo de formação requer ousadia e criatividade” (2012, p.16). Esta ousadia necessária precisa ser assumida pelos gestores, já que propor mudanças significa enfrentar resistências, descontentamentos, contrariedade, pois todo processo de formação que abala as

crenças e as estruturas cognitivas dos sujeitos, é passível de não aceitação. É preciso, portanto, discernimento para distinguir entre a resistência pelo simples fato da não abertura ao diálogo e ao confronto de ideias e o não alcance da formação às necessidades dos professores, até para redimensionar a ação avaliando o processo.

É fundamental considerar que o professor sozinho não pode tudo. Portanto, “o referencial para as propostas de formação dos professores visa à construção coletiva de um projeto alternativo capaz de contribuir, cada vez mais, para o desenvolvimento de uma educação de qualidade para todos” (VEIGA, 2012, p. 19). Enfrentar o desafio de garantir a qualidade do ensino para todos como objetivo dos programas de formação continuada requer, ainda, que outras ações sejam empreendidas como a melhoria na infraestrutura das escolas, a oferta de equipamentos e materiais didáticos que contribuam no processo de ensino-aprendizagem e, também, a valorização dos profissionais da educação.

Considerando, pois, estes aspectos, também é uma tarefa dos gestores educacionais e escolares “[...] investir na valorização do profissional dignificando o trabalho pedagógico e a carreira docente, melhorar suas condições de trabalho, estimular a organização coletiva dos profissionais [...]” (VEIGA, 2012, p.20). Estas são ações que, articuladas ao processo de formação, contribuem para a profissionalização do docente, o sentimento de pertencimento a uma classe, resultando em maior envolvimento e compromisso.

Imbernón (2009) aborda alguns obstáculos presentes nos programas de formação permanente e que, portanto, se apresentam como desafios a serem transpostos. Cita, assim, a ideia de que são necessárias muitas formações, sem uma necessária preocupação com a qualidade. Embora coletiva, a formação foca no indivíduo, apresentando-lhe técnicas que nem sempre o estimulam a aplicabilidade em sala de aula. A sobrecarga de trabalho imposta ao professor, a ação dos formadores mais como técnicos/especialistas do que acompanhantes do processo, a descontextualização dos programas de formação e a visão do professor de que toda formação deva vir acompanhada por incentivo salarial, ou seja, somente para fins de promoção.

Para superar estes obstáculos é preciso “[...] fomentar o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional do professorado potencializando um trabalho colaborativo para transformar a prática” (IMBERNÓN, 2009, p. 45). Não é aconselhável, portanto, estimular a competitividade entre professores no sentido de

que um supere o outro; nem tampouco é aconselhável deixar de valorizar aqueles que buscam constantemente a qualificação. É preciso, então, encontrar um equilíbrio no sentido de motivar a cooperação, mas também valorizando a individualidade de cada um, fortalecendo os indivíduos e as instituições.

Espera-se, também, um movimento no sentido de qualificar os encontros de formação, o que nem sempre se traduz de modo quantitativo. Menos formações, mas com mais qualidade, serão melhor aceitas pelos professores, inclusive porque lhes garante tempo maior de estudos na própria instituição.

Por fim, utilizando as palavras de Imbernón,

a formação não é apenas aprender mais, inovar mais, mudar mais ou que se quiser acrescentar; pode ser um movimento crítico a práticas trabalhistas como a hierarquia, o abuso de poder, a miséria econômica de muitos professores, o sexismo, a xenofobia, a proletarização, o individualismo etc., e promover uma formação mais voltada a combater práticas sociais como exclusão, segregação, racismo, intolerância, etc. Além da formação em tímidos cursos sobre didáticas, sobre temas transversais, trata-se de gerar verdadeiros projetos de intervenção comunitária nos territórios. Isso exige políticas e instituições de formação próximas ao professorado [...] (2009, p. 46).

Ou seja, formar-se continuamente não significa, necessariamente, aprender novas temáticas ou técnicas de ensino. Implica, sobretudo, rever conceitos, um olhar permanente para a realidade da instituição e da ação pedagógica, com vistas a contribuir não somente no desenvolvimento intelectual dos sujeitos, mas também no aprimoramento das relações e das práticas sociais, favorecendo a humanização.

5 O PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE

A sociedade contemporânea se caracteriza pela pluralidade de ideias e ideais, tanto no campo social, como político, religioso e cultural. A convivência pacífica entre todos é um grande desafio posto aos sujeitos, visto que o respeito às diferentes manifestações é primordial para uma cultura de paz para todos.

O professor, desafiado ao exercício da docência no século XXI, precisa considerar a multiplicidade cultural presente em seu cotidiano. Isto requer que as diferentes culturas estejam incluídas no planejamento da ação pedagógica. Porém, não significa que nelas se deva permanecer. Cabe ao professor, orientador do processo de aprendizagem, ampliar o horizonte de seus alunos, levando-os ao contato com outras culturas, outras realidades. Este professor, assim, é *“aquele que acolhe os alunos, respeita as diferenças e acima de tudo desafia-os constantemente”* (Professor 10).

O ser humano é um todo indissociável. Por isto, a educação precisa dialogar com outras áreas do saber. Neste sentido, ao professor é dada a tarefa de conhecer outros aspectos do desenvolvimento humano que interferem no intelecto e quais as situações sociais, familiares, econômicas que podem trazer consequências, nem sempre positivas, ao aproveitamento escolar. Esta pluralidade de saberes insere o professor, segundo Amaral, em

[...] uma cultura geral mais ampla, cultura profissional, conhecimento sobre crianças, jovens e adultos, conhecimento sobre a dimensão cultural, social, política e econômica da educação, domínio das áreas de conteúdo que são objeto de ensino, conhecimento pedagógico e conhecimento advindo da experiência (2012, p.145-146).

É fundamental que o espaço institucionalizado que o professor tem em sua carga horária de trabalho, destinado ao planejamento e ao aperfeiçoamento, não seja completamente preenchido por encontros ou momentos de formação, seja com a Secretaria de Educação ou com a gestão da própria escola. Se a atualidade exige um professor que conheça a realidade sociocultural e econômica de seus alunos, este precisa de tempo para elaborar e articular estratégias que o levem a atingir este objetivo.

A complexidade do processo educativo no cenário atual exige do professor uma relação de pertencimento com a escola, que se revela no comprometimento com a proposta pedagógica. Não basta *estar na escola*, mas é preciso *ser a escola*. Isto só

é possível quando o professor tem a possibilidade de cumprir toda a carga horária em um único estabelecimento. Percebe-se, na prática, que mantê-lo em apenas uma instituição pode ser benéfico todos, escola, professor e rede de ensino.

Além de comprometer-se com a escola, é fundamental fortalecer as relações com a comunidade. Embora pública, nem sempre todas as demandas da escola são atendidas pelo poder público. Ações conjuntas entre comunidade e escola, portanto, podem favorecer o aporte de recursos financeiros espontâneos, oriundos de doações ou eventos. Ao professor, nesta perspectiva, cabe a tarefa da colaboração, o que muitas vezes extrapola, inclusive, os deveres do seu ofício.

Nesta relação com a comunidade cabe ressaltar também a importância do acolhimento, não somente dos alunos, mas muitas vezes dos pais. Há situações em que a família vivencia dificuldades, cujos reflexos se fazem perceber no ambiente escolar. O professor, assim, consciente de seu papel social, terá que, eventualmente, desempenhar o papel de orientador, no sentido de contribuir com sugestões que auxiliem no desempenho escolar dos alunos e no próprio convívio familiar.

Desenvolvendo atitudes desta natureza, o professor será capaz de compreender que não realiza seu trabalho sozinho. Pelo contrário, compreende que o estabelecimento de ações interligadas, inclusive com as pessoas leigas que compõem a comunidade, beneficia uma educação também voltada para a humanização dos sujeitos.

Portanto, segundo Alves

os processos de formação devem possibilitar a emergência de um professor atento e implicado no seu processo de construção de conhecimento de forma mais interativa e reflexiva, construindo novos significados para os dilemas que surgem cotidianamente nos cenários pedagógicos, que nos apresentam alunos que aprendem em vários espaços de aprendizagem e que já pensam em rede, exigindo da escola e conseqüentemente dos professores uma postura diferente (2012, p. 155).

Amaral (2014) destaca a importância de o professor construir conhecimentos interdisciplinares, ou seja, desenvolver a capacidade de relacionar os conhecimentos de sua área com as demais, dialogando entre elas e mostrando ao aluno que no mundo real não existem gavetas de conteúdos, mas sim estreita relação entre eles. Enfatiza, ainda, que tão importante quanto esta visão é o conhecimento disciplinar, ou seja, para dialogar com as demais áreas o professor não abre mão da importância dos conteúdos que deve ensinar. Pelo contrário, precisa ter profundo conhecimento

destes saberes. Estas duas atitudes só são possíveis quando há domínio de conhecimentos e estratégias de ensino específicos da área de atuação do professor.

Dominar sua área de atuação, no entanto, não significa que o professor deva saber tudo, o que é humanamente impossível, dada inclusive a mutabilidade do conhecimento. Precisa, porém, utilizar estratégias de pesquisa como instrumento de sua própria aprendizagem. Ser pesquisador é característica imprescindível deste profissional. Assim, “*primeiramente o profissional deve passar para o seu grupo de alunos a certeza do seu trabalho, pois sem isso não terá disciplina para desenvolver nada*” (Professor 7).

Para ser pesquisador, há que ser também professor reflexivo em relação a si próprio, ao contexto e a aprendizagem de seus alunos. Esta capacidade reflexiva se manifesta na avaliação constante que faz sobre a prática, sobre suas ações e como as utiliza para redimensionar a ação. Amaral afirma que “*a reflexão-sobre-a-ação* refere-se ao processo de pensamento que ocorre retrospectivamente sobre uma situação problemática e sobre as reflexões-na-ação produzidas pelo professor” (2012, p.135, grifo do autor).

O profissional que desenvolve a reflexão sobre a prática como um instrumento a serviço de sua própria formação e aprendizagem é, também, um professor aberto ao diálogo. Neste diálogo, consciente e reflexivo, os diferentes olhares contribuem na resolução de situações problemas que interferem no avanço da aprendizagem de seus alunos.

O perfil profissional para este século cobra do professor o auto reconhecimento como sujeito produtor de conhecimento, o que exige, também, um olhar sobre seu próprio processo de aprendizagem. Problematizar, portanto, sobre sua aprendizagem é, segundo Alves,

[...] promover espaços de formação que levem os docentes a refletir sobre sua própria história de aprendizagem, seu processo de construção de autonomia em um contexto macro e micro, sem desconsiderar que sua práxis e sua subjetividade são construídas mediante uma teia de relações (2012, p. 158).

Reafirma-se, desta maneira, a necessidade de considerar as trajetórias pessoais e profissionais de cada sujeito envolvido no processo de formação. Isto também se manifesta na afirmação que faz a Secretaria de Educação: que “*o aprender contínuo é essencial em nossa profissão. Ele deve se concentrar em dois pilares: a*

própria pessoa do professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

O Gestor “3”, destaca um aspecto muito importante, afirmando que *“o perfil seria do professor mediador que consiga realmente estimular a construção do conhecimento e partir da pesquisa [...]”*. É fundamental, assim, aventurar-se no campo da pesquisa, utilizando-a em favor da educação e de sua própria formação.

Assim, pesquisa em educação não é algo que deva se restringir às universidades. O professor precisa, portanto, se reconhecer nesta condição: de pesquisador da prática e que, ao recorrer à teoria, ressignifica sua própria prática e que também pode, ao publicar suas conclusões, mesmo que no âmbito da própria escola, contribuir com seus pares.

O desenvolvimento da capacidade de interação com os demais profissionais, é afirmado quando a Secretaria de Educação diz que o professor precisa *“administrar sua própria formação continuada – Estabelecer um programa pessoal de formação continuada e participar de grupos de debate com colegas de profissão”*. É importante, assim, que o professor se forme individualmente, mas também no coletivo.

Em relação à autoria dos professores, surge uma grande preocupação, principalmente na Educação Básica, claro que com exceções. Não há produção acadêmica entre os professores, talvez por falta de oportunidades ou motivação. No entanto, é no interior da sala de aula que está a maior riqueza para a construção de referenciais acadêmicos que contribuam na prática cotidiana. Alves (2012, p.152) afirma que os “[...] professores não leem, não frequentam bibliotecas, não escrevem – isso é um fato, e o que cada um de nós pode fazer para mudar esta situação é o grande desafio dos indivíduos comprometidos com o processo de ensinar e aprender”. Portanto, há que se desenvolver a capacidade de autoria nos professores.

As novas gerações, nativos virtuais, são frutos de um mundo em que a comunicação e a divulgação de informações ocorrem de forma simultânea aos acontecimentos e de forma globalizada. Não há mais como ignorar a presença da tecnologia na educação. Ela certamente não substitui a figura do professor, como se pensava que aconteceria. Porém, o profissional que não acompanha, ou ao menos tenta acompanhar o avanço tecnológico, tem mais dificuldades de aproximação com os alunos.

O gestor “2” afirma, assim, que

a proposta das formações consiste em tornar o educador mais consciente das suas responsabilidades e deveres inerentes a profissão. Espera-se construir um perfil de educador crítico, criativo e inovador, pois na contemporaneidade há muitos agentes educadores que concorrem com o professor, e por vezes, muito mais atrativo como é o caso da tecnologia relacionada à internet. Sendo assim, o educador precisa acompanhar as inovações tecnológicas para não tornar-se obsoleto sob a ótica do seu educando.

Mais do que somente acompanhar a inovação tecnológica, é preciso reconhecer que o aluno, neste campo, pode ter maiores conhecimentos que o professor. Neste sentido, a característica a ser desenvolvida por este profissional é o reconhecimento de que pode aprender com seu aluno, sem receio de se tornar inferior, mas desenvolver a capacidade de aprendizagem mútua e assumir que não sabe tudo.

Ao reconhecer que pode aprender com o aluno, o professor estabelece uma relação de proximidade e “[...] estimula o aluno desenvolver o máximo de suas potencialidades[...]” além de “[...] despertar no professor o instinto desafiador [...]” (Gestor 4). Isto é possível pois, ao desafiar seu aluno a colaborar na rede de aprendizagem, também desafia o professor a propor novas estratégias de ensino, mais colaborativas e cooperativas entre os sujeitos.

Este professor, profundamente consciente da necessidade de renovação, é atualizado e informado de todos os aspectos inerentes à sua profissão. Assim, “o professor deve estar sempre se atualizando e se informando, não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas principalmente em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e as suas tendências educacionais” (Professor 3). Precisa, portanto, acompanhar as discussões que ocorrem, tanto a nível nacional como local, em relação às mudanças no que diz respeito às diretrizes curriculares e às novas pesquisas em educação. Se transforma, assim, em “alguém que esteja pré-disposto ao novo, as mudanças existentes que permeiam a educação” (Professor 8).

Não se pode, desta maneira, admitir um profissional professor, que ano após ano se utiliza dos mesmos diários de classe, dos mesmos livros e apostilas, sem buscar por novas possibilidades e inovações. Não é preciso descartar o velho, mas é fundamental abrir espaço para o novo. Assim,

[...] o perfil esperado do profissional nos dias atuais é o de ser um educador dinâmico, atuante e participativo do processo. Disposto a novas experiências e possibilidades, um educador que “saia da mesmice”, porque os alunos de hoje são diferentes dos de ontem, estes ou melhor os alunos hoje estão sedentos de ‘tudo’ e para que o professor consiga a atenção e interesse dos alunos precisa inovar, renovar-se e aprender sempre (Professor 11).

As exigências que se colocam ao professor que escolhe a docência como profissão na contemporaneidade são muitas e complexas. Desta forma,

primeiramente, o professor deve compreender os aspectos sociais, culturais e econômicos da sociedade em relação a educação, ou seja, planejar seu trabalho baseado no contexto de sua atuação, buscar novas formas de ensinar, devido a necessidade e rapidez da informação no mundo atual; entender que o aluno de hoje não é mais o mesmo que tínhamos alguns anos atrás, este tem a necessidade de saber mais e está exposto a muitas informações ao mesmo tempo, então o professor precisa ser dinâmico, comunicativo, pesquisador e formador de bons cidadãos (Professor 12).

É importante salientar um aspecto da fala deste professor, quando diz que o aluno está exposto a muitas informações ao mesmo tempo. Estar exposto à informação não significa, necessariamente, que esteja construindo conhecimento. Isto até pode ocorrer, mas somente depois que o mesmo desenvolveu a capacidade intelectual de processar esta informação e transformá-la em conhecimento. Ao professor, portanto, cabe a tarefa da condução do aluno e da mediação deste com o mundo do conhecimento e da forma como se utilizar da tecnologia para aprender. Ou seja, *“um profissional que saiba interagir junto ao seu aluno, que saiba usar o fazer pedagógico, como instrumento que venha ao encontro do aluno”* (Gestor 1).

A consciência, então, de que o professor *“precisa estar em constante aperfeiçoamento, se capacitando para atender as exigências impostas pela sociedade e estar comprometido com as constantes transformações do mundo”* (Professor 2), é algo que deve lhe acompanhar por toda a trajetória profissional.

De todas as afirmações feitas até agora e o destaque de características importantes ao professor, a citação feita pelo Professor “9” talvez traduza aquilo que há de mais importante na trajetória profissional: *“[...] não abandonar aquilo que nos tornou profissional [...]”*. E o que nos tornou profissional? Quais foram as motivações para a escolha da profissão? Estão todos os professores satisfeitos com a profissão? É possível reafirmar o lugar de importância da educação na sociedade atual? A docência voltará a ser mais valorizada? São questionamentos que certamente permeiam o imaginário do coletivo de professores. E são estas indagações que, muitas vezes, movem o profissional na constante luta pela construção de uma educação de qualidade para todos e a valorização da profissão professor.

Savater (2005), ao destacar a face humanizadora da educação e o importante valor que a mesma imprime à sociedade, deixa claro o que de mais importante o professor precisa considerar no processo educativo, reconhecendo que

o homem o é através do aprendizado. Mas esse aprendizado humanizador tem uma característica distintiva que é o mais importante dele. Se o homem fosse apenas um animal que aprende, poderia bastar-lhe aprender a partir de sua própria experiência e do trato com as coisas. Seria um processo muito longo, que obrigaria cada ser humano a começar praticamente do zero, mas, em todo caso, não há nada de impossível nisso. De fato, boa parte de nossos conhecimentos elementares são adquiridos dessa forma, com base em nossos atritos gratos ou dolorosos com as realidades do mundo que nos rodeia. No entanto, se não tivéssemos outro modo de aprender, embora talvez conseguíssemos sobreviver fisicamente, ainda nos faltaria aquilo que o processo educacional tem de especificamente humanizador. Pois o que é próprio do homem não é tanto o mero aprender, mas o aprender com outros homens, o ser ensinado por eles. Nosso professor não é o mundo, as coisas, os acontecimentos naturais, nem o conjunto de técnicas e rituais que chamamos de “cultura”, mas a vinculação intersubjetiva com outras consciências. (p.33-34)

Nesta perspectiva, compreender que a educação não é mera transmissão de conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, é reconhecer que mais do que o que se aprende em termos de conteúdos, o que fica do processo educativo são as relações que se estabelecem. A postura e as atitudes dos professores deixam, em seus alunos, marcas muito mais significativas do que aquilo que ensinam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constituir-se como profissional da educação autônomo, que escolhe a docência como profissão, imbuída de uma teia complexa de ações e inter-relações, significa compreendê-la não como vocação ou sacerdócio. É, sobretudo, vê-la como uma ou, até, como a mais importante profissão no campo do saber e para o desenvolvimento de uma sociedade. Esta visão possibilita compreender que as profundas mudanças pelas quais passa a sociedade, requer do mesmo uma formação inicial que o capacite a tornar-se proativo, com condições de internalizar, desde o início, um profundo comprometimento com a necessidade de formação permanente.

A profissão professor requer do sujeito que por ela opte, o entendimento das exigências a ela inerentes. Uma dessas exigências diz respeito à necessidade de uma formação constante, pois os conhecimentos construídos na formação inicial não serão suficientes para capacitá-lo no enfrentamento dos constantes desafios que são apresentados, em vista das rápidas transformações do mundo contemporâneo.

É fundamental compreender que a educação escolar se insere em um contexto social de intensas e constantes transformações e que afetam diretamente a relação que os diferentes sujeitos têm com a escola, espaço institucional formal da educação. Pode-se dizer que, por muito tempo, foi a escola a instituição centro do saber, do aflorar do conhecimento e, quiçá, da sabedoria. No entanto, com o avanço da tecnologia e das comunicações, outros mecanismos de aprendizado foram surgindo e exigindo da escola e de seus profissionais uma rápida mudança. Ou seja, embora ainda seja a escola a instituição nomeada como responsável pela formação acadêmica e intelectual do sujeito, outros mecanismos estão disponíveis e que também promovem a construção do conhecimento.

Assim, é fundamental o emergir de uma nova consciência do professor: de saber que sua ação educativa está imbuída das influências do mundo em seus diferentes aspectos, sejam sociais, econômicos e tecnológicos. Portanto, qualquer formação de professores precisa contribuir para desenvolver no grupo de professores a necessidade de olhar, muitas vezes, para fora da profissão, num constante exercício de ir e vir, de refletir e agir e refletir novamente.

A conclusão desta pesquisa, assim, aponta para a necessidade de que as redes de ensino e as escolas ofereçam as condições necessárias para que os

professores tenham garantido um direito, mas que também cumpram com o dever inerente à docência, que é formar-se continuamente. Neste processo, é preciso considerar que nem todos os professores tem proatividade e precisam de estímulos mais consistentes.

Aponta-se, também, que a formação continuada em rede a partir de um enfoque colaborativo resulta em maior qualidade da educação ofertada. Isto porque muitos professores ao se sentirem amparados por seus pares, tem melhor aproveitamento quando tem a oportunidade de compartilhar saberes.

É, sem dúvida, um grande desafio para as redes de ensino construir e implementar programas desta natureza, que apresenta muitos limitadores. Contudo, a formação em rede rompe com a lógica individualista e abre possibilidades para a interação e o comprometimento mútuos.

A formação continuada, em rede ou autônoma, só tem sentido se resultar em melhoria na qualidade da educação ofertada e fortalecer o trabalho do professor e das redes de ensino. A Secretaria de Educação afirma que

[...] a formação se apresenta como uma oportunidade na qual os professores refletem a respeito dos conhecimentos necessários ao processo de ensinar e de aprender e como esse processo influencia a sua prática pedagógica.

Ao influenciar a prática pedagógica do professor, também exerce influência sobre a educação ofertada e, conseqüentemente, na sua qualidade.

Para o gestor “1”, a qualidade da educação e a influência positiva da formação continuada *“[...] se manifesta principalmente no processo da interdisciplinaridade, onde todos interagem, na busca por uma aprendizagem digna do aluno”*. Este é, sem dúvida, um dos princípios do trabalho colaborativo e em rede, onde a interligação de saberes das diferentes áreas do conhecimento confere maior aproveitamento na aprendizagem dos alunos.

Já o gestor “2” afirma que a qualidade

“[...] se manifesta no momento em que o educador consegue estabelecer uma ligação direta entre os saberes que vem construindo e a sua atuação prática no interior da sala de aula. Ou seja, quando a sua prática torna-se criativa, inovadora e significativa para o educando. Quando este sente que a construção do conhecimento realmente acontece na troca entre os pares e que o professor está simplesmente fazendo essa ponte entre o conhecimento e o aluno”.

Os novos desafios da educação na contemporaneidade exigem um profissional que queira repensar-se continuamente, que faça da reflexão sobre a prática e sobre si mesmo uma tarefa constante. Este profissional é capaz de adaptar-se às mudanças constantes na sociedade e conseqüentemente na escola e procura alternativas para que seu trabalho continue resultando em possibilidades de boas aprendizagens. Assim, *“a relação é de comprometimento no ensino oferecendo o melhor de si, as técnicas mais adequadas e usando as aprendizagens das formações como complemento”* (Gestor 4).

As análises no decorrer da pesquisa evidenciam o lugar de destaque que tem a escola, ou a gestão desta, na promoção da formação continuada dos professores. Este é considerado, por muitos, como lugar privilegiado de formação, pois ao constituir-se enfatiza as necessidades advindas do cotidiano dos professores e da realidade subjacente a cada local. Também importante e fundamental é a formação planejada e implementada pela rede de ensino, como oportunidade de imprimir um norte às escolas que a compõe sem, contudo, negar a autonomia necessária à cada instituição.

Retomando, pois, a problematização inicial da pesquisa em relação à compreensão das experiências, dos limites e dos desafios propostos na formação continuada planejada pela Secretaria Municipal de Educação e Juventude, é possível afirmar que a trajetória percorrida até o momento trouxe significativas contribuições ao trabalho da rede de ensino e dos professores. Porém, transparece a necessidade de enfrentar os limites e os desafios que ainda persistem, potencializando e qualificando este processo. O enfrentamento dos limites e desafios serão mais efetivos se puderem contar com a colaboração de todos os envolvidos: gestores, professores e formadores. A ação colaborativa na formação continuada contribui, certamente, para melhorar a qualidade da educação ofertada.

A realização desta pesquisa foi importante na medida em que permitiu aprofundar o conhecimento sobre a temática da formação continuada e, ao mesmo tempo, conhecer o que pensam professores e gestores da rede municipal, colegas de profissão. Além das concepções, tão importante quanto, foi conhecer as tendências para a formação continuada, a partir da leitura de escritos teóricos.

Em síntese, formar-se continuamente é tarefa inerente à profissão professor. Ter a consciência do inacabamento do ser humano, também possibilita a consciência do quanto ainda temos a aprender, independente da área em que se atua.

Desenvolvendo a consciência de que ainda há muito que aprender, o sujeito realiza um movimento de participação e envolvimento nas propostas de formação que certamente reverterá em seu benefício (na condição de profissional) e da própria rede de ensino, bem como às escolas em que atua.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. **Aprendizagem em rede e formação docente: trilhando caminhos para a autonomia, a colaboração e a cooperação.** In.: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, D'AVILA, Cristina (org.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papirus Editora, 2012, 2.ed., p.151-164.

AMARAL, Ana Lúcia. **A adjetivação do professor: uma identidade perdida?** In.: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, AMARAL, Ana Lúcia (org.). Formação de professores: políticas e debates. Campinas: Papirus Editora, 2012, 5.ed., p.121-142.

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Salvador: Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, v.22, n.40, jul./dez.2013, p. 95-103. Disponível em <http://www.revistas.uneb.br/php/faeaba/article/viewFile/753/526>> Acesso em 02/11/2015.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm> Acesso em 22/04/2015

BRASIL, Presidência da República. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional da Educação.** Disponível em http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf> Acesso em 15/09/2015.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** Florianópolis: Texto Contexto Enferm, out-dez 2006, p.679-684.

CHIZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios.** Revista Portuguesa de Educação, 2004, p. 221-236. Disponível em http://nte.ufsm.br/moodle2_UAB/pluginfile.php/127288/mod_label/intro/A%20pesquisa%20qualitativa%20-%20Antonio%20Chizotti.pdf> Acesso em 06/06/2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17^a.ed., 1987. 184p.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999, 271p.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2011, 9.ed., 127p. (Tradução: Silvana Cobucci Leite).

_____. **Formação Permanente do professorado: novas tendências.** São Paulo: Cortez, 2009, 118 p. (Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela).

LIMA, Roberto de Sousa. **Formação continuada e a prática docente de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de escolar particulares de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2006. 79p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS. Disponível em <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-09-28T185516Z-21/Publico/346812.pdf>. Acesso em 22/04/2015

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo (palestra)**. São Paulo: Revista do Sinpro, 2007. 21p. Disponível em <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em 22/04/2015

_____. **Professores, Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009. 95p. Disponível em <http://www.etepb.com.br/arg_news/2012texto_professores_imagens_do_futuro_presente.pdf> Acesso em 22/04/2015

SANTA ROSA, Prefeitura Municipal. **Lei Complementar nº 72, de 3 de janeiro de 2012**. Disponível em <http://www.santarosa.rs.gov.br/downloads_ver.php?dow_id=911> Acesso em 17/04/2015.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005. 229 p.

SILVA-SÁ, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano I, n. I, julho de 2009. Disponível em <http://nte.ufsm.br/moodle2_UAB/pluginfile.php/127291/mod_label/intro/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf> Acesso em 07/06/2015

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. 12.ed. São Paulo: Libertad, 2007. 205p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas: Papyrus, 2012, 2.ed., 95 p.

_____. **Docência como atividade profissional**. In.: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, D'AVILA, Cristina (org.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papyrus Editora, 2012, 2.ed., p.13-21.

_____. **Professor: tecnólogo do ensino ou agente social?** In.: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, AMARAL, Ana Lúcia (org.). Formação de professores: políticas e debates. Campinas: Papyrus Editora, 2012, 5.ed., p.61-86.

APÊNDICE 1

OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS ÀS ESCOLAS



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação - CE
Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional

Título do estudo: Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede.

Pesquisador responsável: Ângela Denise Riske Müller

Orientadora: Prof. Dr^a Mariglei Severo Maraschin

Instituição/Departamento: Centro de Educação – CE, UFSM, UAB – Universidade Aberta do Brasil

Telefone para contato: (55) 8129-4498

Prezado/a diretor/a:

Ao cumprimentá-lo/a cordialmente, desde já agradeço imensamente sua disponibilidade em participar da pesquisa ora apresentada.

O referido projeto de pesquisa integra a realização de escrita monográfica para o Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional, pela Universidade Aberta do Brasil – UFSM (Universidade Federal de Santa Maria).

Juntamente com o preenchimento do questionário, é imprescindível o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que segue em anexo. É importante esclarecer a você e aos professores participantes, que será mantida a confidencialidade das informações prestadas na divulgação dos resultados da referida pesquisa, independente do meio a ser utilizado.

A participação será de extrema relevância para a pesquisa.

Após a defesa da monografia, que dar-se-á no mês de novembro, uma cópia da mesma será entregue à Secretaria Municipal de Educação e Juventude, para livre consulta das escolas e dos professores participantes.

Solicito, assim, a devolução dos questionários e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, até o dia **25/08**, na **Secretaria Municipal de Educação e Juventude**, para a professora **Themis Patias**, responsável pelo processo de formação continuada da rede municipal de ensino.

Mais uma vez reitero meu agradecimento pela participação e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente

Ângela Denise Riske Müller
Especializanda

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação - CE
Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: **Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede**

Pesquisador responsável: Ângela Denise Riske Müller

Orientadora: Prof. Dr^a. Mariglei Severo Maraschin

Instituição/Departamento: Centro de Educação – CE, UFSM, UAB – Universidade Aberta do Brasil

Telefone para contato: (55) 8129-4498

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Objetivo do estudo: conhecer a proposta de formação continuada da rede municipal de ensino; compreender a concepção dos professores em relação a formação continuada oferecida pela rede e pela escola e as contribuições que acrescentam à trajetória profissional dos sujeitos; identificar as expectativas em relação ao processo de formação continuada.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam dados em relação à sua formação e atuação profissional, sua avaliação em relação às contribuições que a formação continuada oferece para sua atuação em sala de aula, bem como na constituição enquanto profissional e aos aspectos inerentes à sua autonomia na busca por formação continuada;

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de

ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria _____, de _____ de 20 ____

Assinatura

Pesquisador responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009 Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO PARA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE



**Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação - CE**

Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional

PESQUISA: Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede

PESQUISADOR: Ângela Denise Riske Müller

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. Mariglei Severo Maraschin

QUESTIONÁRIO PARA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

- 1) Para a Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, o que é formação continuada?
- 2) Quais as concepções que sustentam ou fundamentam o processo de formação continuada da rede municipal de ensino, considerando o período da gestão 2013-2016?
- 3) Como a Secretaria tem avaliado a participação dos professores nos encontros de formação continuada?
- 4) No entendimento da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, quais são os limites e os desafios da formação continuada na rede municipal de ensino?
- 5) A partir do processo de formação continuada, quais são as expectativas e qual o perfil profissional esperado?
- 6) É possível estabelecer uma relação entre a formação continuada e a qualidade da educação na rede municipal? Em quais aspectos essa relação se manifesta?

APÊNDICE 4

QUESTIONÁRIO PARA GESTORES DAS ESCOLAS



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação - CE
Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional

PESQUISA: Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede

PESQUISADOR: Ângela Denise Riske Müller

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. Mariglei Severo Maraschin

QUESTIONÁRIO PARA GESTORES DAS ESCOLAS

- Área de concurso: () Anos iniciais () Anos finais
- Tempo de atuação na educação:
- Tempo de atuação na Gestão da escola:
- Função desempenhada na Gestão:
- Formação Acadêmica:

Ano de conclusão:

- Especialização:

Ano de conclusão:

- Outro:

- 1) Para você, o que é formação continuada?
- 2) Quais as concepções que sustentam ou fundamentam o processo de formação continuada elaborado pela Equipe Gestora da escola para o ano de 2015?
- 3) Como a Equipe Gestora tem avaliado a participação dos professores nos encontros de formação continuada no âmbito da escola?
- 4) Na concepção da Equipe Gestora, quais são os limites e os desafios da formação continuada realizada no âmbito da escola?
- 5) A partir do processo de formação continuada, quais são as expectativas e qual o perfil profissional esperado?
- 6) É possível estabelecer uma relação entre a formação continuada e a qualidade da educação da escola? Em quais aspectos essa relação se manifesta?

APÊNDICE 5

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação - CE
Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional

PESQUISA: Gestão da Formação Continuada de Professores: um trabalho em rede

PESQUISADOR: Ângela Denise Riske Müller

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. Mariglei Severo Maraschin

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

- Área de atuação: () Anos iniciais () Anos finais. Área de atuação:

- Tempo de atuação:
- Formação Acadêmica:

Ano de conclusão:

- Especialização:

Ano de conclusão:

Outro:

- 1) Para você, o que é formação continuada?
- 2) Como você avalia as contribuições da proposta de formação continuada da rede municipal de ensino, considerando sua área de atuação?
- 3) Como essa proposta de formação tem contribuindo para sua formação profissional?
- 4) De que forma você planeja ou organiza a formação continuada autônoma, independente da rede de ensino e da escola? Em quais espaços ou com quais estratégias busca essa formação?
- 5) Para você, qual o perfil esperado para um profissional da educação, diante dos desafios do mundo contemporâneo?